F-05

OESTE vermelho

FILHA DE BANDIDO

ROY QUIMBY

Cr$ 12,00

apresenta

Todos os personagens desta novela são imaginados pelo autor e não têm qualquer relação com nomes ou personalidades da vida real. Qualquer semelhança terá sido mera coincidência.

Publicação no Brasil 1979

Copyright © Editorial Andina S.A.

Proibida a reprodução no todo ou em parte.

EDITORA MONTERREY LTDA.
Rua Visconde de Pirajá, 550 — Sala 1401
IPANEMA — Rio de Janeiro, RJ
Fones: 227-2795 e 227-2602

GANHE UM LIVRO GRÁTIS

Se você pedir cinco livros da Editora Monterrey ganhará um livro grátis. Faça hoje mesmo o seu pedido pelo Reembolso Postal. É muito fácil. Escreva seu nome e endereço bem legíveis e assinale os livros da Monterrey que desejar (veja a página 4). Só atendemos pelo Reembolso Postal.

EDITORA MONTERREY LIMITADA

Departamento de Reembolso Postal
Rua Visconde de Figueiredo n.º 81
Caixa Postal n.º 24.119 — ZC-09
20.550 — Tijuca — Rio de Janeiro

Composto e impresso nas oficinas da
CIA. GRÁFICA LUX

Distribuído por:
Fernando Chinaglia Distribuidora S.A.

FILHA DE BANDIDO

ROY QUIMBY

Tradução de GIASONE REBUA

Coleção OESTE VERMELHO

Obras já publicadas e ainda não esgotadas:

55 — SANGUE DO SANGUE
56 — SENTENÇA: CHUMBO!
57 — O PLANO DO NORTE
58 — PISTOLEIRO CONHECE MOÇA
59 — VINGANÇA DO HOMEM INDIGNO
60 — RAÍZES DA COVARDIA
65 — É FOGO NA ROUPA
66 — NÃO SE APRESSE EM MORRER
67 — FESTIM DE CORVO
68 — OS FRACOS E OS FORTES
69 — O PAI FOI ENFORCADO
70 — O ÚLTIMO ASSALTO
71 — DUELO COM ÍNDIO
72 — A CAUSA PERDIDA
73 — BALADA DO HOMEM MAU
74 — A FACE DA MORTE
75 — ASSUNTO MALDITO
76 — AS FÚRIAS
77 — PISTOLEIRO BOM MOÇO
78 — CONTRA A LEI DO CÃO
79 — O ESPINHO DA VINGANÇA
80 — A MINA FATÍDICA
81 — UM ROUBO COMPLICADO
82 — PISTOLA ENLUARADA
83 — GAROTA VESTIDA DE HOMEM
84 — BAÚ DE OURO
85 — A PÁ DE CAL
86 — A BRIGA ADIADA
87 — POR CAUSA DO TREM
88 — O DINHEIRO DO SOGRO
89 — O ÁS DE COPAS FURADO
90 — ROCK ERA PEITUDO
91 — UM SUJEITO CRUEL
92 — A PROVOCAÇÃO
93 — A TAMPA DO CAIXÃO
94 — BOM PARA A FORCA
95 — POR UM XERIFE SAFADO
96 — FILHA DE BANDIDO

A publicar:

97 — DEPOIS DA MORTE
98 — A ROTA DE LADRÕES

CAPÍTULO PRIMEIRO

Aconteceu numa tarde de sol

Camprodón, povoado a meio caminho entre Corpus Cristi e Laredo, no Texas, parecia adormecido naquela tarde escaldante. Sua Main Street, ziguezagueante e de largura variável, desprendia um bafo quente. Seu chão de terra, vermelho, dava a impressão de ser a chapa de uma fornalha, em brasa.

Nem sequer os cachorros vira-latas ousavam sair das sombras das marquises, deixando-se ficar prostrados nas calçadas de madeira, ofegantes, com um palmo de língua de fora, sonolentos.

A passagem dos frades franciscanos estava patenteada no estilo da igrejinha toda branca com o campanário arrematado por uma cruz de pedra. Bem diante do templo católico, o povo do lugar ergueu o prédio da Justiça e nele se lia, em uma das portas de arco, a indicação em letras caprichadas: *Sheriff's Office.*

O único ruído que perturbou a calma naquela tarde infernal era dos cascos de uma montaria que se movia a passo na Main Street. O cavalei-

ro, de chapelão Stetson e muito empertigado na sela, parou o cavalo diante do armazém de Copley, apeou e entrou, deliciando-se com a sombra fresca e acolhedora do estabelecimento comercial.

— Puxa, isto é um paraíso! — exclamou em voz alta.

Um homem da sua estatura, esguio e musculoso, de têmporas grisalhas, ergueu-se em uma pilha de sacos e o recém-chegado comentou, com amplo sorriso:

— Desculpe atrapalhar sua sesta, Wayland.

O proprietário do armazém desceu da pilha de sacos e apertaram-se as mãos.

— Eu só estava descansando um pouco — disse Wayland Copley. — Nunca consegui dormir, ou mesmo cochilar de dia.

— Pois eu daria tudo para ser um comerciante como você e poder tirar um cochilo depois do almoço, em vez de andar por aí encarapitado em um cavalo me derretendo ao sol.

— A gente nunca está satisfeito com o que tem — pontificou Copley. — Veja o seu caso, Trevor. Possui um bom rancho, com reses de primeira e bons cavalos, está vendendo saúde e vive se queixando da sorte. Sinceramente, se eu tivesse o seu vigor, não estaria atrás de um balcão de armazém.

Trevor Jameson tirou o Stetson e deixou-o no balcão.

— Pois eu daria tudo para estar no seu lugar, sem ter de me aborrecer com os problemas do rancho — afirmou. — Além de me preocupar com as reses e com os peões, tenho de vigiar minhas terras por causa de certos forasteiros morenos — semicerrou os olhos, com malícia.

Wayland Copley compreendeu.

— Sei o que está insinuando, Trevor. Admito que os mexicanos devem estar ruminando com ódio a derrota, não se conformando de terem suas fronteiras empurradas para a outra margem do Rio Grande, mas daí até...

— Eu não estava pensando nos mexicanos, de modo geral, mas em Ventura Alvarez — interrompeu-o Jameson. — Esse homem é orgulhoso demais para se conformar em perder as centenas de acres de suas terras que ficaram deste lado do rio. Aposto que não medirá conseqüências para reaver toda a área perdida.

Wayland Clopley franziu a testa. Era evidente que seu amigo fazia rodeios para encontrar um meio de abordar assunto mais sério. Estaria informado de algumas atividades do mexicano Ventura Alvarez, no sentido de criar problemas por causa das terras perdidas? Sondou:

— Esses forasteiros morenos têm invadido suas propriedades, Trevor?

O rancheiro baixou a cabeça como se visse algo importante no assoalho do armazém.

— Têm sumido algumas reses, mas não creio que os ladrões sejam mexicanos. Na verdade, tenho visto passarem muitos pistoleiros da nossa raça, todos aparentemente dispostos a atravessar o Rio Grande.

O armazeneiro assentiu com a cabeça. Ele também havia notado, nas últimas semanas, a passagem de foras-da-lei por Camprodón. Eram gente disposta a alugar seu revólver a quem pagasse mais. Nenhum deles hesitaria em trabalhar para Ventura Alvarez na organização e direção de tropas guerrilheiras contra seus próprios concidadãos. Talvez Trevor Jameson estivesse preocupado com a possibilidade de novos combates naquela região, com inevitável roubo de seu rebanho e destruição de seu rancho. Claro que logo acudiria o Exército americano, pondo termo às escaramuças, mas até à chegada das tropas os homens de Alvarez poderiam dizimar rebanhos e arrasar propriedades, matando muitos inocentes. Mas pensou que o valente Trevor Jameson não podia estar tão preocupado com uma possibilidade relativamente remota como era a da invasão do território americano por forças do "general" Alvarez.

— Essa calor nos esquenta a cabeça, enchen-

do-a de idéias. Para ser franco, não acredito que Alvarez...

— Não é isso que me preocupa — cortou Jameson. — Você já teve a sensação de estar sendo seguido, sem poder localizar qualquer seguidor?

Copley assentiu com a cabeça e com a boca:

— Infelizmente, já tive muitas vezes essa sensação, Trevor. Mas repito que esse calor afeta a cabeça da gente e nos faz...

— Não sou criança, Wayland. Tenho absoluta certeza de que me seguiram até aqui. Você sabe que não tenho medo de nada, porém me deixa intrigado o fato de ser seguido sem poder localizar meus perseguidores. Durante o trajeto, desviei-me propositadamente do caminho, fazendo um rodeio, e me convenci de continuar sendo seguido.

Copley ficou preocupado mas não quis dar a perceber e armou um sorriso falso, propondo:

— Acho que um bom uísque servirá para refrescar suas idéias.

Virou-se para alcançar a garrafa na prateleira de bebidas do armazém e isso o impossibilitou de advertir seu amigo da desgraça.

Foram três disparos secos, de rifle, feitos através de uma janela do armazém. Trevor Jameson foi empurrado pelos impactos das balas nas cos-

tas e caiu debruçado no balcão, para escorregar e desabar ruidosamente no chão, de costas.

Wayland Copley saltou o balcão e se ajoelhou, erguendo a cabeça do amigo. Trazia a garrafa na mão esquerda.

— É grave, Trevor? — indagou, com angústia.

— Definitivo — disse Jameson, com um sorriso amarelo. — Eu sabia que me seguiam. Estou frito.

Copley empalideceu. Não aceitava a idéia de Trevor Jameson morrer em seus braços. Percebeu que o rancheiro se esforçava para lhe dizer algo e, querendo reanimá-lo, arrancou com os dentes a rolha da garrafa, metendo o gargalo em sua boca.

— Vamos, Trevor, beba devagar. Isso vai ajudá-lo a resistir até eu chamar o médico.

Trevor Jameson sorveu uma quantidade respeitável de uísque e semicerrou os olhos, armando de novo um sorriso triste. Sua respiração ficou mais regular. Momentaneamente refeito pela forte dose de álcool, ele soltou atropeladamente:

— Você encontrará um envelope metido em minha sela. Esse envelope deve chegar ao destinatário. É mais importante do que nossas vidas, Wayland. Ventura Alvarez quer financiar nova guerra. Instalou seu quartel-general em Chihuahua. É por isso que tantos pistoleiros americanos

atravessam o Rio Grande nesta região, a menos vigiada por nossas tropas. Muita gente... — Interrompeu-se para respirar e pediu: — Outro gole, Wayland.

Copley colocou a boca da garrafa entre seus lábios e ele sorveu outra dose cavalar, estalando a língua.

— Bom uísque, Wayland. Pena que eu não possa enxugar a garrafa. Como estava dizendo, muita gente em Camprodón está mancomunada com Alvarez, ajudando-o a aliciar homens dispostos a lutar por dinheiro. Acho que outros povoados ribeirinhos americanos também colaboram. Ventura Alvarez só espera pela chegada do material bélico para iniciar sua aventura contra nós.

— Entendo — murmurou Copley, pensativo. — Agora começo a compreender. Você foi o braço direito do Major Lancaster na guerra com os mexicanos e se desligou repentinamente do Exército, abandonando uma carreira muito promissora em troca de se tornar um simples rancheiro nesta maldita região. Isso sempre me deixou intrigado, mas agora parece que desvendei o mistério. Verdade que você comprou o rancho como parte de um plano, com a finalidade de vigiar, sem despertar suspeitas, o movimento de combatentes voluntários através da fronteira?

— Acertou — sorriu o moribundo, engolindo em seco. — Tenho registrado esse movimento,

porém a coisa me preocupou quando, na semana passada, vi atravessarem o rio dois sujeitos que há muito tempo se dedicam ao roubo e contrabando de armas. Chamam-se Clark Benny e Mel Odge.

— Hum! — fez Copley, pensativo. — E pode estar certo de que são descarados, porque antes de seguirem em direção à fronteira passaram a noite no hotel de Clemens, registrando-se com os seus nomes verdadeiros. Esses que você citou. Estiveram aqui comprando munição para seus revólveres e rifles.

Jameson assentiu com a cabeça e acrescentou, quase sem fôlego:

— Um dos elementos que pude infiltrar nas forças de Ventura Alvarez deu uma escapulida até o meu rancho e me atualizou sobre o que está sendo tramado em Chihuahua. Encilhei meu cavalo e vim falar com você, porque necessito de sua ajuda. Meu espião me avisou que Alvarez já sabe de minha existência como elemento do Major Lancaster e concluí que tinha de passar a missão a outro antes de ser morto.

Wayland Copley estava penalizado. Tudo indicava que o seu amigo Trevor Jameson não teria mais que alguns minutos de vida.

— Não será necessário, Trevor — tentou sorrir com naturalidade. — Você está gravemente ferido, mas sei que o doutor...

— Pare com isso — cortou Jameson. — Sei que estou liqüidado e não devemos perder tempo. Agora dependerá de você evitarmos novo derramamento de sangue mexicano e americano apenas para satisfazer ao orgulho de Ventura Alvarez.

Copley compreendeu que seria inútil continuar fingindo.

— Prometo fazer tudo que você mandar.

— Obrigado. Antes de encilhar meu cavalo, redigi apressadamente um relatório, explicando ao Major Lancaster tudo que está acontecendo. Esse relatório deve chegar o mais breve possível às suas mãos.

— Ele conhece a sua letra?

— Conhece, mas não importa, porque empreguei o mesmo código que adotamos durante a guerra. Isso dará fé ao relatório. Agora depende só de você evitar... aaah!

Não pôde concluir. Sofreu forte contração, soltou impressionante golfada de sangue e sua cabeça pendeu de lado.

Morto.

Wayland Copley baixou a cabeça, sentindo os olhos marejados.

CAPÍTULO SEGUNDO

Ajudantes nada convencionais

Ouviram-se passos apressados na calçada de tábuas e logo no armazém. Copley ergueu a cabeça e viu entrar o xerife Jack Carey, acompanhado de seus dois auxiliares mestiços. Armou um sorriso irônico, soltando:

— Chegaram tarde demais. Acho que para arrancar vocês da *siesta* são precisos tiros de canhão.

Jack Carey se aproximou, olhou para o cadáver de Trevor Jameson e encarou Copley, comentando:

— É uma pena. Só não lhe peço explicações porque sei que você jamais usou uma arma e era muito amigo de Jameson.

— Ainda bem — rebateu Copley, irônico.

— E saiba que não estávamos dormindo a *siesta*, Wayland Copley. Acabamos de voltar da fazenda de Buster Etrong, que teve muitas reses roubadas durante a noite e mandou um peão nos chamar. Quando chegamos de volta, Pancho Alba nos disse ter ouvido tiros aqui e viemos correndo. Onde está Yolanda?

— Minha filha está na casa de Carrington, ajudando Elizabeth a terminar seu vestido de noiva.

— Hum. Ainda bem que não testemunhou a brutalidade. Quem fez isto?

— Não sei. Trevor me disse que tivera a sensação de estar sendo seguido desde o seu rancho e, quando conversávamos, fizeram alguns disparos através daquela janela.

— Está bem. Fulgêncio, providencie a transferência do corpo para a funerária, enquanto o senhor Copley me acompanha ao meu escritório para fazer um relato detalhado da ocorrência.

Copley se levantou.

— Está bem, xerife, mas primeiro levarei o cavalo de Trevor para a minha estrebaria. O pobre animal deve estar morrendo de sede.

O xerife encolheu os ombros e se dispôs a esperar.

Wayland Copley saiu e levou o animal pelas rédeas até a estrebaria do armazém, onde se apressou a retirar a sela assim que colocou o cavalo diante de um bebedouro, com um cesto de milho ao lado.

Examinou apressadamente a sela e começava a se impacientar por não dar com o envelope, quando seus dedos tocaram casualmente um corte no couro da parte inferior. Ele virou a sela e constatou que o corte era recente, introduzindo

por ele os dedos. Sorriu quando seus dedos tocaram em um papel. Retirou o envelope. Lembrou-se de que Jameson lhe dissera que o conteúdo daquele envelope era de capital importância, de modo que preferiu não correr riscos e subiu ao jirau, de onde, encarapitando-se num barril, ocultou o envelope entre uma viga grossa e as tábuas do telhado. Desceu e voltou ao armazém, de onde acompanhou o xerife à delegacia, para depor sobre o assassinato do amigo.

Duas horas depois, quando Yolanda voltou da casa dos Carrington, comunicou-lhe sua intenção de ir com a carreta a Laredo para recolher sacos de mantimento.

— Fique de olho na loja, filha. Não pretendo demorar. Se surgirem complicações, grite pelo xerife. Ele já sabe que você estará sozinha até eu voltar e me prometeu mandar seus auxiliares ficarem atentos.

Yolanda Copley sorriu, abraçando-o.

— Não se preocupe, velho coruja. Sua filha já está crescidinha e sabe fazer as coisas sozinha.

Era uma moça de vinte anos, alta, esguia, morena pálida de cabelos e olhos negros, que herdara da mãe, uma mexicana. Copley enviuvara quando a filha tinha quinze anos e daí por diante cuidara dela com desvelo, conquistando sua gratidão.

— Está bem, já é crescidinha mas por isso

mesmo não quero que fique à mercê da escumalha deste povoado — disse Copley, saltando para a boléia da carreta. — Atenda aos possíveis fregueses, de trás do balcão, e ao primeiro sinal de perigo abra um berreiro. Jack Carey e seus ajudantes estarão atentos.

— Vá descansado, velho coruja.

Copley agitou as rédeas e partiu, iniciando a longa marcha para Laredo.

Tivera o cuidado de ocultar seu dinheiro e o envelope de Jameson em um fundo falso da carreta, onde ninguém os poderia localizar, pois estava com o pressentimento de que seria abordado durante o trajeto por gente ligada aos assassinos de Jameson, sem dúvida dispostos a saber o que lhe dissera o rancheiro ao morrer. Antes de partir, tivera de pegar o cinturão de balas e os dois Colts, no baú do quarto, mas lembrou-se de sua promessa à mulher, quando ela estava nas últimas. Prometera não tornar a usar armas e não faltaria à palavra.

Levava três horas de viagem pelo caminho vermelho, empoeirado, que atravessava a extensa planície, quando avistou o pequeno bosque de álamos a um quarto de milha.

— Ótimo lugar para uma emboscada — resmungou, certo de ter confirmado ali seu pressentimento.

Dito e feito. Quando passava diante do bos-

que, um trio de pistoleiros surgiu de entre as árvores e o sujeito que estava na dianteira foi bem claro:

— Desvie a carreta do caminho. Embaixo das árvores, conversaremos mais à vontade.

Copley logo associou aquela trinca às forças de Ventura Alvarez, pois os três homens eram mexicanos e usavam as cartucheiras atravessadas ao peito, no estilo dos bandidos e guerrilheiros de sua terra. Obedeceu com absoluta calma, levando a carreta para baixo de um grande álamo.

— Muito bem, agora desça e nada de truques — disse o indivíduo que chefiava o trio.

— Não tenho nada contra vocês e estou desarmado — rebateu Copley, sem perder a calma.

— Nunca se sabe, amigo. Gutiérrez, reviste o gringo. Os americanos são espertos e costumam ocultar armas em lugares insuspeitos. De passagem, alivie o gringo de todo o dinheiro que tenha nos bolsos.

O tal Gutiérrez revistou conscienciosamente Copley e olhou com cara triste para o chefe do trio.

— Nada, além destas moedas.

— Está bem, agora reviste cada polegada da carreta, porque esses malditos ianques são cheios de truques.

Gutiérrez revistou cada centímetro da carreta,

por cima e por baixo, tornando a fazer cara de decepcionado.

— Sacos — disse. — Uma porção de sacos vazios e nada mais.

— Hum — fez o chefe do grupo, encarando Copley. — Estava a caminho de Laredo, hem, gringo?

— Certo. Vou comprar mercadorias para o meu armazém.

— Você ouviu isso, Gutiérrez? Ele vai a Laredo comprar mercadorias, mas não leva um dólar nos bolsos.

Wayland Copley olhou-o nos olhos.

— Enid Paterman é meu velho amigo e fornecedor. Sempre me entrega mercadorias com pelo menos um mês de prazo para o pagamento. Eu nunca me atrasei.

— Não estamos atrás de seu dinheiro, estúpido! — declarou Gutiérrez, olhando-o com dureza. — Queremos comida, entende?

— Não trago comida na carreta, como você já pôde verificar.

— Não seja burro — irritou-se o mexicano. — Vamos deixar você seguir até Laredo, mas terá de nos trazer mantimentos. Você sabe: carne salgada, toucinho defumado, feijão, sal, essas coisas. E bebida. Muita bebida, porque as noites são frias nesses malditos descampados. Se falhar,

sua linda filhinha mestiça ficará sabendo de tudo que sabemos fazer na cama.

Copley estremeceu visivelmente à idéia de sua filha ser violentada por aquela trinca imunda e Gutiérrez deu uma risada.

— Sabemos que adora a mesticinha, amigo, e por isso fará exatamente como mandamos. Certo?

Wayland Copley assentiu com a cabeça e subiu à boléia antes de admitir, taciturno:

— Trarei comida suficiente para um mês.

— Esse gringo é inteligente, Gutiérrez — comentou o chefe do grupinho, com uma risada. — Está bem, amigo ianque, seja obediente e sua filha nada sofrerá. Vamos, não fique aí parado. Já estamos morrendo de fome.

Copley agitou as rédeas e a carreta partiu. Seu cérebro trabalhava ligeiro em busca de uma saída para aquela enrascada. Percorreu mais de uma milha sopesando várias possibilidades e, finalmente, sua fisionomia se iluminou. Acabara de atinar com uma solução.

Atou as rédeas à alavanca do freio da carreta, para que os cavalos de tiro continuassem a marcha, saltou para a carroçaria e arrancou um pedaço da etiqueta de um dos sacos vazios. Pegou o lápis que sempre usava no bolso, para fazer as contas no armazém, e passou a escrever com sofreguidão. Quando terminou, meteu o papel

no pequeno barril de madeira que levava sob a boléia, para quando necessitasse de levar água, em viagens longas, e tomou novamente das rédeas, agitando-as para apressar a marcha dos cavalos.

Quando entrou em Laredo, dois cavaleiros mexicanos se emparelharam com a carreta, olhando-o significativamente.

— Aposto como vão para o mesmo lugar que eu — sondou.

— Depósito do senhor Enid Paterman. Acho que acertou, gringo.

A trinca do pequeno bosque não acreditara que ele amava a filha a ponto de cumprir fielmente o prometido e enviara dois emissários, por um atalho, para vigiá-lo em Laredo.

Porém, ele era homem experimentado e já contava com essa jogada, de modo que, mantendo um sorriso nos lábios, parou a carreta diante do depósito de Paterman, saltou da boléia e se dirigiu aos mexicanos, como se falasse a velhos amigos:

— Se me ajudarem a levar todos os sacos para dentro, a coisa será mais rápida e logo estaremos levando a encomenda para os nossos amigos do bosque.

Os dois mexicanos se consultaram com o olhar e puseram mãos à obra.

CAPÍTULO TERCEIRO

"Morto" assusta pistoleiros

Agindo com absoluta naturalidade, Wayland Copley pegou o barrilzinho e deixou-o em cima do balcão, diante de Enid Paterman, solicitando:

— Faça-me o favor de enchê-lo com o melhor *brandy* que tinha em casa, Enid.

Enquanto falava, piscou o olho para o agigantado irlandês, que foi discreto, não fazendo comentários. Os dois mexicanos se entreolharam e sorriram. Um barril de aguardente faria sucesso em seu bando, no bosque. Satisfeitos, tornaram a sair para apanhar mais sacos vazios e Copley se apressou a dizer baixinho:

— Leia o que está escrito num pedaço de etiqueta, dentro do barril, Enid. É assunto importantíssimo.

Paterman notou que os mexicanos voltavam e disse:

— Sinceramente, Wayland, não sei como você pode beber aguardente. Vou buscar uma garrafa de uísque da minha terra para você provar. Se depois ainda preferir *brandy*, é porque tem, mesmo, goela de couro.

Copley deu uma risadinha e os dois mexicanos demonstraram grande interesse pelo assunto, o que motivou um arremate inteligente do irlandês:

— Não pensem que tenho uísque compatriota suficiente para encher este barrilzinho. Venho guardando duas garrafas desde que cheguei a Laredo e vou abrir uma em atenção à nossa amizade. Vocês, rapazes, peguem aqueles copinhos ali — indicou a prateleira. — Conhecerão algo cem vezes melhor do que tequila.

Desapareceu por uma porta e, quando os mexicanos começavam a se impacientar, surgiu trazendo o barrilzinho cheio de aguardente e uma garrafa, da qual serviu generosamente.

Bebeu com Copley e os dois mexicanos, olhando para estes com cara de quem espera aprovação. Os mexicanos estalaram a língua e Copley aproveitou para dizer:

— Pena que você não tenha estoque para venda, Enid. Podemos esvaziar esta garrafa?

— À vontade, amigos. Dá gosto a gente ver pessoas apreciarem o que é bom.

Os mexicanos pegaram a garrafa e se serviram, enchendo em seguida o copinho de Copley e do próprio Enid. Após a segunda rodada, o dono do depósito quis saber:

— Que vai levar desta vez, Wayland?

— O mesmo de sempre, mas, por favor, acres-

cente uma caixa de tequila para os amigos. Não estou pagando com isso a ajuda que me dão, mas apenas retribuindo a gentileza.

Os mexicanos adoraram a idéia, mas continuaram esvaziando a garrafa de uísque, agora esquecidos de servir Paterman e Copley. Este acrescentou, com admirável naturalidade:

— Escute, Enid, acho que abusarei de novo da sua bondade. Minha filha guardou o dinheiro no cofre e saiu levando a chave. Espero...

— Não precisa continuar — cortou Paterman, espalmando a mão direita diante de seu rosto. — Wayland Copley tem crédito ilimitado no armazém de Enid Paterman. Leve o que quiser e pague quando puder. Agora, se me dão licença, vou chamar o meu garoto para me ajudar, ou passaremos o resto do dia despachando o seu pedido.

Dispôs as mãos em concha e berrou:

— Patrick, irlandês de uma figa, venha cá depressa ou quebro essa cara sardenta!

Num instante, surgiu dos fundos um rapaz de seus dezoito anos, ruivo e sardento, dotado de admirável musculatura. Sem nada dizer, passou a carregar as pilhas de sacos vazios para os fundos do depósito e seu pai grunhiu, como se ele estivesse molengando:

— Depressa com isso, seu preguiçoso, ou passaremos um mês cuidando dessa encomenda. Vou

ajudar esse frangote — acrescentou, sorrindo para Copley. — Não vai ser nada fácil encher esses sacos.

Os dois levaram todos os sacos e se demoraram nos fundos do depósito, o que começou a gerar desconfiança nos mexicanos.

— Ei, mano, parece que o grandalhão e o pirralho foram dormir a *siesta* — soltou um deles.

— É, mano, acho melhor irmos despertá-los — concordou o outro.

Sem dúvida, Paterman estava atento, pois num instante surgiu sobraçando um saco de café em grão, largando-o em cima do balcão.

— Pronto, Wayland, agora só temos de levar tudo para a carreta. O meu garoto está aprendendo a trabalhar. Quando deu por falta de umas coisas que você costuma levar, nem me consultou. Saiu pelos fundos, pegou duas mulas e foi buscar tudo em nosso depósito maior, do outro lado do povoado. Menino esperto. Sabe o que disse? *Pai, diga ao senhor Copley que não terá motivos de queixa, porque fizemos tudo que ele queria.* Um verdadeiro irlandês! Já está levando as coisas para a carreta, pelo lado da casa.

Wayland Copley sorriu, satisfeito, com desafogo. Sua missão estava cumprida. Agora, graças à boa colaboração do irlandês e seu filho, e sem que os dois mexicanos dessem pela coisa, o Major

Lancaster estava devidamente atualizado e poderia traçar um plano de ação.

Quase meia hora depois, quando a garrafa de uísque já estava vazia, o filho do irlandês entrou pela frente, banhado em suor, para declarar:

— Pronto, senhor Copley, tudo na carreta. Recomendações a Yolanda. Desculpe dizer, mas eu preferia que ela tivesse vindo em seu lugar.

Enid Paterman deu uma risada.

— Está vendo, amigo Wayland? O meu garoto saiu igualzinho ao pai. Também vai casar cedo.

Nesse instante, irrompeu no armazém um sargento de Cavalaria, rapagão de estatura avantajada, muito empertigado, que se dirigiu ao jovem Patrick:

— Ei, irlandês, onde está a caixa de charutos que Wedgewood encomendou? Ele está detido por causa do porre de ontem à noite e vim em seu lugar.

— Sinto muito, Sargento Brown, mas estive ocupado carregando a carreta para o senhor Copley, nosso freguês de Camprodón.

O sargento olhou para Wayland Copley e arqueou as sobrancelhas.

— De Camprodón, hem? Devo seguir dentro de minutos para Camprodón, com quatro soldados, em serviço rotineiro de vigilância. Caso não se importe, viajaremos juntos.

— Será um prazer, Sargento. Nunca se sabe

quando vão surgir salteadores — aceitou Copley, apertando a mão de Paterman. — Até à vista, Enid. Assim que possível, virei fazer o pagamento.

— Nem pense nisso. Deixe para quando tiver de fazer nova encomenda.

Copley saiu flanqueado pelos dois mexicanos e, assim que se aproximou da carreta, um deles advertiu:

— Bico calado, ou sua filhinha sofrerá as conseqüências. Se aceitou a escolta desses gringos pensando em ter ajuda, perca as ilusões. Sabemos lidar com os soldadinhos de sua terra.

O Sargento Kid Brown se aproximou e Copley lhe disse com naturalidade:

— Teremos de fazer os animais galopar, Sargento, porque meus fregueses me esperam com estas mercadorias. Se prefere fazer uma viagem mais calma...

— Nossas montarias estão precisando de exercícios, senhor Copley — cortou o sargento, com amplo sorriso. — Além disso, temos ordem de chegar a Camprodón o mais rápido possível.

Minutos depois, a carreta partia flanqueada pelos dois mexicanos. Os cinco cavalarianos da União cavalgavam na retaguarda.

Os mexicanos compreenderam que seria inútil exigir de Copley que escolhesse o caminho próximo ao bosque de álamos, onde estavam os seus três compatriotas, porque os cavalarianos insis-

tiam em manter-se na retaguarda e qualquer tentativa nesse sentido seria logo rechaçada. Resignaram-se com a ida ao povoado, onde poderiam usar a filha do comerciante para obrigá-lo a levar mantimentos até o bosque. Copley manteve os animais de tiro em franco galope por atalhos e graças a isso chegou a Camprodón, quando começavam a ser acesos os lampiões das casas.

Entravam na Main Street, quando o sargento adiantou a montaria para abordar Copley e indagar:

— Sabe onde mora Alan Wedgewood? É irmão de um tenente do Forte.

Copley lhe indicou o local e convidou-o, com os soldados, para uns goles no balcãozinho do armazém em que servia bebidas aos clientes, enquanto estes esperavam para serem atendidos.

Agora os dois mexicanos mostraram-se simpáticos, chegando a ajudar Copley a descarregar a carreta. A transformação se devia a que Copley não os denunciara durante o trajeto, nem ao chegar a Camprodón. Certos que o comerciante cumpriria a palavra, mantendo segredo e suprindo-os de mantimentos, decidiram apressar as coisas para sumirem o mais depressa possível dali e juntar-se aos companheiros no bosque de álamos.

Estavam quase terminando de descarregar a carreta, quando Copley viu um mexicano esguio,

trigueiro e de bigodinho aproximar-se caminhando devagar pela calçada de tábuas, para se encostar num dos portais de sua loja e começar a enrolar um cigarro.

Era o homem que chefiava o trio do bosque de álamos.

— Como foram as coisas, manos? — indagou dos compatriotas.

— O gringo é esperto. Até nos presenteou com uma caixa de tequila — respondeu um deles.

— Maravilhoso — sorriu o chefe. — Se ele morrer acidentalmente, mandaremos rezar uma missa por sua alma.

Afastou-se do portal e se aproximou de Copley para dizer:

— Rápido com esses sacos, amigo, porque temos de lhe fazer um pedido. Mas será pago, entende? Veja.

Sacudiu diante dos olhos de Copley um saquinho de lona muito seu conhecido, retirado de seu cinturão quando ele foi abordado pelos mexicanos no bosque de álamos. Copley olhou-o nos olhos e não disse nada, porque estava praticamente em suas mãos por causa de Yolanda.

Por azar, sua filha se apresentou à porta do armazém, o que fez o seu sangue gelar nas veias. Para acalmá-la, foi logo dizendo:

— Estes cavalheiros foram muito gentis, filha. Viajamos juntos desde Laredo e ao chegarmos

tiveram a bondade de me ajudar a descarregar os sacos. Pegue uns copos e sirva uísque, por conta da casa. Eles merecem.

Logo quando Yolanda caminhava pelo armazém em direção ao pequeno balcão de bebidas, o Sargento Brown irrompeu no local com os seus quatro comandados e os cinco não puderam disfarçar sua admiração. Brown não se conteve:

— Meus parabéns, senhor Copley, o senhor arranjou uma ajudante muito bonita.

— É minha filha.

— Ah! Por favor, queira desculpar!

Copley sorriu e Yolanda caprichou nos trejeitos, enquanto servia bebida.

— Não tem importância, Sargento. Eu sei que a minha filha é a moça mais bonita deste mundo. Vocês chegaram a tempo. Minha filha nos servirá um bom uísque para limparmos a poeira da garganta.

Os cinco cavalarianos, embevecidos, rodearam os três mexicanos diante do balcão, o que os desagradou, porque, além de rodeados, estavam em minoria. O chefe dos bandidos empalideceu ligeiramente e franziu a testa, mas não disse nada.

Todos beberam em silêncio, com Yolanda feliz da vida por ser o alvo dos olhares dos cavalarianos, principalmente do Sargento Brown, por quem ela se encantou.

Dois novos personagens entraram no armazém

sem que, aparentemente, fossem notados pelos cavalarianos, que continuavam embevecidos com os encantos da jovem.

Wayland Copley adquiriu uma palidez de cadáver e seus olhos pareceram despedir chispas de ódio.

Brad Dannot e Ralph Storny!, pensou, engolindo em seco. *Ninguém foge ao seu passado!*

Também os dois recém-chegados demonstraram grande espanto. Estacaram e empalideceram, parecendo ter visto uma alma do outro mundo. A primeira coisa que fizeram, saindo do espanto, foi levar as mãos ao cabo das armas, porém viram que Copley estava desarmado e muito pálido, optando por dissimular a surpresa. Mas ainda levaram algum tempo para aceitar a realidade e o mais alto dos dois disse baixinho, entre dentes, para o companheiro:

— É espantoso: "Frio" Cop aqui e desarmado!

Seu companheiro assentiu com a cabeça e os três mexicanos se entreolharam, intrigados com a transformação operada nas fisionomias de Dannot e Storny, ao depararem com o armazeneiro Wayland Copley. Por que fizeram menção de sacar assim que avistaram Copley?

Viram Copley mover-se ligeiro para a outra extremidade do grande balcão, oposta àquela em que Yolanda se deixava admirar pelos militares,

e também a dupla recém-chegada aproximar-se do armazeneiro. Optaram por continuar observando.

Brad Dannot, o mais alto da dupla, estendeu a mão e armou um sorriso cínico, dizendo:

— Não imagina com que satisfação reencontramos um velho companheiro de aventuras.

Wayland Copley apertou os olhos e, olhando-o com dureza, foi bem claro, sem aceitar o aperto de mão:

— Saiam de meu estabelecimento e nunca mais pensem em mim para nada. "Frio" Cop morreu há anos e não vai ressuscitar.

Os três mexicanos começaram a se aproximar e Dannot, novamente pálido, rebateu:

— Pensamos que você tivesse morrido naquela ocasião e vê-lo aqui foi grande surpresa.

— Eu morri naquela tarde — rebateu Copley. — O homem que estão vendo agora não tem nada em comum com aquele canalha que conviveu com vocês.

O chefe dos mexicanos, que chegara perto a tempo de ouvir as últimas palavras de Copley, armou um sorriso cínico para dizer, dando um tapinha no ombro de Dannot:

— Agora compreendo tudo. Pelo visto, vocês se conhecem de outras paragens. São velhos amigos, hem? Será que me enganei?

Brad Dannot franziu a testa. Então era isso. Seu antigo companheiro de banditismo queria

esquecer o passado e cuidar da filha. Agora ficava explicada a maneira como o recebera. Era fácil concluir que aquela linda jovem desconhecia o passado sujo do pai.

Os outros dois mexicanos aproveitaram o embevecimento dos soldados pela filha do armazeneiro para também se aproximarem e um deles comentou, olhando significativamente para Copley:

— Lucas, esse gringo nos enganou. Deve ser mais perigoso do que uma cascavel do deserto. Não deve ter sido à-toa que nossos amigos Dannot e Storny quase sacaram a artilharia, quando deram com ele aqui. Devemos ficar de olho, porque ele talvez pretenda nos delatar a esses soldadinhos ianques.

— Quanto a isso, podem ficar descansados. Conheço Cop de sobra e sei que nunca faltou com a palavra — meteu-se Dannot, pensando que com isso recobrava a simpatia de Wayland Copley.

— Se você diz, amigo Dannot, deve ser verdade — comentou o mexicano Lucas. E acrescentou: — Mas esse sargento me põe nervoso. Talvez aperte Copley e ele, por causa da filha, dê com a língua nos dentes. Parece que esse tipo já demonstrou do quanto é capaz por causa dela.

Brad Dannot olhou-o nos olhos e frisou, em tom ameaçador:

— Já disse que Cop nunca faltou com a palavra e não tornarei a repetir. Ponho minha mão no fogo por ele.

Wayland Copley não gostou dessa intervenção a seu favor. Sentia-se definitivamente desligado de um passado violento, reprovável, e detestava receber favores de um ex-companheiro de canalhices. Por isso soltou impensadamente:

— Você sempre falou demais, Brad Dannot. Não preciso de sua ajuda para nada. Está empenhando sua palavra em favor de um homem que você conheceu mas morreu naquela tarde lamentável. O novo Wayland Copley não faz acordos com canalhas, nem lhes empenha sua palavra.

Os três bandidos mexicanos e os dois pistoleiros americanos, todos membros de uma mesma organização criminosa, trocaram olhares significativos e se distribuíram formando um semicirculo dante de Wayland Copley, ameaçadores, tão enfurecidos, que chegaram a esquecer a presença dos cinco cavalarianos.

CAPÍTULO QUARTO

Aquela mercadoria estava em falta

A total indiferença de Wayland Copley desconcertou bastante os cinco foras-da-lei, que esperavam ver nele o maior pânico. Copley olhou-os com desdém e até ameaçou um sorriso, pensando em como lhe seria fácil despachar para o inferno aqueles cinco indesejáveis, caso portasse ao menos um de seus antigos Colts 45.

Chegou a lamentar não ter esquecido a promessa feita à sua mulher, no leito de morte, e afivelado nos quadris o cinturão de balas, com os dois revólveres, antes de rumar para Laredo. Caso tivesse faltadò com a promessa naquele instante, disporia das armas e faria uma limpeza em Camprodón, livrando a humanidade de cinco carniças morais.

Seu passado reprovável lhe voltou vertiginosamente à memória e ele se viu em situação idêntica, vivida anos antes em um *saloon*, quando liquidou exatamente cinco pistoleiros de renome por sua rapidez no gatilho.

Agora a mesma situação se repetia, porém com ele desarmado.

Sua tranqüilidade desconcertou de tal sorte os bandidos, que Lucas optou por ameaçar, sem tocar no cabo da arma:

— Abra essa maldita boca, e estouramos a linda cabecinha de sua filha.

Brad Dannot segurou seu braço e disse, conciliador, também impressionado com a segurança própria de Copley:

— Ele ficará de bico calado, Lucas. Se chegou a deixar a boa vida por causa da menina, será capaz de tudo por ela. Ele sempre gostou de irritar os amigos para se divertir.

O mexicano semicerrou os olhos e soltou, de voz rouca:

— Pois que saiba medir as brincadeiras, porque me impaciento à-toa, como você está cansado de saber. Certas gracinhas tiram a paciência de Lucas Contreras.

Nesse instante, Yolanda fez charminho, gritando:

— Papai, estou sitiada por estes soldados da União, todos encantadores e com más intenções.

Dannot e Storny, a despeito de integrantes do mesmo bando dos três mexicanos, eram racistas e se consideravam superiores aos morenos, solidarizando-se maquinalmente com o compatriota Copley. Afastaram-se, dando-lhes passagem.

Copley encarou Lucas e disse, antes de se afastar:

— Fiquem tranqüilos, porque não direi uma palavra sobre vocês. Eu sequer revelarei que você foi um dos que dispararam através da janela contra Trevor Jameson, matando-o covardemente.

Armou um sorriso malicioso e fustigou os mexicanos:

— No meu tempo de indesejável, os pistoleiros de verdade costumavam matar os adversários frente a frente e não disparando contra eles pelas costas, através de janelas, como qualquer mulherzinha desonrada.

O chefe dos mexicanos trincou os dentes, melindrado, demonstrando burrice:

— Dannot afirmou que não é falador, mas está enganado. Você fala demais e diz besteiras. Não podia ter me visto, porque...

Interrompeu-se, compreendendo tarde demais que se entregara, confessando implicitamente ser um dos matadores de Trevor Jameson.

Copley trincou os dentes. Jogara verde para colher maduro e conseguira identificar um dos assassinos do seu bom amigo Jameson. Naturalmente, os outros dois seriam aqueles que acompanhavam o chefe naquele instante.

De novo lamentou não dispor dos seus revólveres, porque se os tivesse não hesitaria em matar os três assassinos.

Antes que pudesse afastar-se dos pistoleiros, o pintoso Sargento Brown veio ao seu encontro e,

de mão estendida e olhando com malícia para Yolanda, toda dengosa, disse:

— Obrigado pelo uísque, senhor Copley. Assim que aparecer uma oportunidade virei visitá-lo. Sabe onde os meus rapazes e eu poderíamos fazer uma refeição que não nos envenenasse?

Wayland Copley sorriu com simpatia, indicando a pensão que ficava do lado da igreja e era explorada por uma mexicana, comadre do pároco, um religioso espanhol com idéias espantosamente avançadas para a época. O sargento ainda quis saber, antes de sair:

— Onde eu poderia conseguir uma montaria emprestada? Meu cavalo feriu uma pata dianteira em um fundo de garrafa e terei de deixá-lo aos cuidados do zelador da estrebaria pública até que ele fique em condições de...

— Papai tem um puro-sangue — adiantou-se Yolanda, muito oferecida. — Quase não se serve dele. Mas o senhor terá de devolvê-lo, porque é de estimação.

— Pode estar certa de que tratarei o seu puro-sangue com o devido carinho, devolvendo-o em perfeito estado, senhorita Copley. Muito obrigado.

A troca de olhares significativos entre ambos foi escandalosa e Yolanda enrubesceu, baixando os olhos. Convidou baixinho:

— Queira acompanhar-me até a nossa cochei-

ra. Seus soldados também devem vir — fez questão de acrescentar, porque ficaria feio ir sozinha com Brown ao telheiro.

Assim que a jovem saiu escoltada pelos militares, Brad Dannot encarou Copley para dizer:

— Sua filha é mesmo uma graça, Cop. Seria tolice você perdê-la agora, que já está criada, cometendo uma idiotice. Bem, acho que estou falando demais, porque "Frio" Cop nunca bancou o cretino.

Fez um sinal para os outros e os cinco saíram.

Wayland Copley acompanhou-os com o olhar até desaparecerem de vista. Por que Brad Dannot e Ralph Storny teriam surgido em Camprodón, lugar tão distante daqueles em que, com ele e outros, haviam praticado as coisas mais ignominiosas? Seria impossível um homem se regenerar e começar uma vida nova, honrada? O destino não podia estar sendo injusto. Aquilo tinha uma explicação: os dois pistoleiros, aliando-se aos bandidos mexicanos aliciados por Ventura Alvarez para a sua guerra particular, de vingança, tiveram necessariamente de passar por Camprodón com destino à fronteira, ou cumprindo ordens do "general" Alvarez.

Felizmente, contava com a colaboração do Sargento Kid Brown e seus quatro comandados. Ignorava quais tinham sido as instrução do Major Lancaster ao sargento, mas estava certo de

que só poderiam ser inteligentes. E confiava no rapaz, pois não se deixara enganar por sua falsa atitude frívola de conquistador barato que se deixa embelezar facilmente por uma garota bonita.

Kid Brown representava com maestria o papel de garotão, mas o experimentado Wayland Copley soubera ver em sua fisionomia uma inteligência acima do comum. E sabia que o Major Lancaster não confiaria em um imaturo. Se escolhera Brown para a missão de escoltá-lo e sondar o terreno, era porque o rapaz merecia sua total confiança.

Foi confiante na possível atuação oportuna de Kid Brown e seus comandados, que uma vez mais respeitou a promessa feita a Emmy, no leito de morte, de nunca mais valer-se das armas para consertar situações difíceis.

* * *

Os cinco pistoleiros sentaram-se ao redor de uma mesa de canto na pensão imunda do mestiço David e, enquanto esperavam que o proprietário da casa trouxesse os "pratos feitos", Lucas Contreras exigiu:

— Escute, Brad, você não vai dizer a verdade sobre Copley?

Dannot, que se instalara ao lado de Storny e um pouco afastado dos mexicanos, por questões

raciais, armou um sorriso cínico para responder:

— Já disse que ele é perigosíssimo, mas um homem de palavra.

Ralph Storny se ajeitou na cadeira e resmungou:

— Palavra que levei o maior susto, ao deparar com "Frio" Cop no armazém. Cheguei a pensar que via uma alma do outro mundo.

Lucas Contreras chupou um incisivo cariado e grunhiu:

— Com todos os diabos, parem de falar besteiras. Quero fatos.

Outro mexicano sorriu com cinismo e declarou:

— Essa história ficou atravessada na minha garganta, Brad Dannot. Se o tal Copley fosse tão perigoso, não andaria desarmado, nem obedeceria como qualquer garoto assustado. Acho que vocês, gringos, estão nos enganando para rir de nós.

Brad Dannot olhou-o com o desdém dos pertencentes a uma raça superior.

— Nós nos conhecemos há algum tempo, Aniano, e você já deve ter percebido que nada nos amedronta, a mim e ao meu amigo Ralph. Costumamos ser francos com os companheiros para recebermos igual tratamento. Acima de tudo, gostamos de respeito mútuo, entendeu? Agora falarei pela última vez de Wayland Copley. A

despeito de sua aparência inofensiva, quando acoçado ele se torna mais feroz que um lobo faminto. Não sabíamos que ele vivia em Camprodón e por isso nos espantamos.

Lucas Contreras semicerrou os olhos, desconfiado:

— Escute, Brad, você e Ralph levaram as mãos às armas e empalideceram, quando depararam com esse sujeito. Se foram amigos, por que essa reação?

— Lembranças do passado — rebateu Dannot, reticente, contrariado com a ironia do mexicano.

Ralph Storny interveio, com fala preguiçosa:

— Wayland é velho amigo. Pertencemos ao famoso bando de Cole Smith e operamos em vários Estados. Eu também considero Wayland Copley altamente perigoso, tanto com as armas como com os punhos. Esse homem se transforma em um ciclone quando leva aos mãos aos Colts.

— Pois quando o abordamos, me pareceu uma irmã de caridade — soltou Aniano, zombeteiro.

— Sim, foi o que também nos pareceu — admitiu Storny. — Não imagina a nossa surpresa quando vimos "Frio" Cop desarmado.

— Ele nunca foi visto em Camprodón portando uma arma — só então falou o outro mexicano, um sujeito atarracado com cara de facínora.

Lucas Contreras, que passava o tempo chupando um incisivo cariado, quis saber:

— Que aconteceu para que esse simpático deixasse suas agradáveis companhias?

— Assunto feio — disse Brad Dannot, com calma, embora sentindo nojo racista pelo mexicano. — Nosso bando foi literalmente varrido em Fletcher City, Montana, quando tentamos assaltar o Banco Gadeiro. Acho que um dos nossos nos traiu, pois fomos colhidos numa emboscada. Ralph e eu conseguimos escapar, mas os outros morreram ali mesmo. Por isso acreditamos que "Frio" Cop também tivesse ido para o inferno durante essa tentativa.

— De onde se pode concluir que o traidor foi esse fingido que agora banca o moço direito — comentou Lucas Contreras.

Dannot e Storny encolheram os ombros e ficaram olhando para o tampo da mesa, cheio de moscas, dando a entender que não pretendiam esticar o assunto. Após alguns minutos de silêncio, Dannot indagou:

— Faz muito tempo que ele mora em Camprodón?

— Quase dois anos — afirmou o mexicano, atarracado. — Quando chegou, estava magro e fraco como um cão vira-latas. Se não sofria de alguma doença grave, estava cheio de chumbo no bucho. Durante algum tempo, o doutor Hut-

ton cuidou dele e, quando interrogado, afirmava que o ianque sofria dos foles, mas ninguém acreditou porque o sujeito nunca tossia. Meses depois, comprou o velho casarão dos Pimentel e montou o armazém.

Notou algo na fisionomia de Brad Dannot e se apressou a acrescentar:

— Escute, gringo, se está preocupado, receando a peri... peri... como se diz, Aniano?

— Periculosidade.

— Diabos, palavra difícil! Se está preocupado com isso aí do tal "Frio" Cop, nós lhe metemos uma bala na caixa do pensamento e acabaram-se os problemas. Temos coisas mais importantes, muito lucrativas, em que pensar.

— Nada disso — discordou Dannot, sacudindo a cabeça e com uma luz diabólica nos olhos. — Sabem no que eu estava pensando? Quem foi rei sempre será majestade. Esse disfarce de bondade, do velho "Frio" Cop, não me convenceu e por isso eu tive uma idéia luminosa. Podemos atraí-lo para o nosso bando. Ele seria um elemento valiosíssimo.

— Não sei — murmurou Storny, pensativo. — Faz tanto tempo que ele se afastou do bom caminho, por causa da filha, que talvez tenha perdido as virtudes que nos interessam.

Brad Dannot se levantou, desistindo de enfrentar o prato-feito da pensão do mestiço David.

— Querem saber de uma coisa? Não vou perder tempo. Sei como convencer "Frio" Cop de juntar-se a nós e nos beneficiar com a sua periculosidade — olhou maliciosamente para o atarracado, que era incapaz de repetir essa palavra. — Já disse: quem foi rei sempre será majestade. Cop não deixou de ser altamente perigoso e já descobri o meio de forçá-lo a nos ajudar: a filha. Ele não vai querer aquela gracinha nos braços de vocês.

Aniano lambeu os beiços de modo nojento e comentou baixinho:

— Até que seria delicioso.

* * *

Um sorriso distendeu os lábios finos do pistoleiro, quando encontrou Copley sozinho no armazém.

Wayland Copley franziu a testa e seus olhos despediram ódio, mas logo seu rosto refletiu grande amargor, porque tudo indiçava que um passado reprovável, supostamente morto, ressurgia com o reaparecimento de dois dos seus velhos companheiros de banditismo.

Brad Dannot se acotovelou no balcão e disse, zombeteiro:

— Não pareceu surpreender-se com a minha volta logo após nos reencontrarmos, Cop.

— Por que não solta de uma vez o motivo para esta visita indesejável? — rebateu prontamente Copley, com dureza, olhando-o nos olhos.

— Certo, amigo Cop — sorriu amplamente Dannot. — Vejo que continua expedito como nos velhos tempos. A primeira coisa que tenho a dizer é que nos encheu de alegria constatar que você também salvou a sua pele naquela tentativa em Fletcher City. Uma operação estúpida aquela, hem, Wayland.

Copley sentiu uma cortina vermelha, de ódio, lhe empanar a visão. Ninguém lhe garantia não terem sido Dannot e Storny os traidores que motivaram o fracasso do assalto ao Banco de Fletcher City, um incidente que quase lhe custou a vida, deixando-o por vários meses jogado em um leito, com várias balas metidas no corpo, até que o doutor Hutton julgou seguro extraí-las. Cerrou os punhos com força e pensou em Yolanda para não saltar sobre o sem-vergonha e lhe quebrar a cara.

— Muito bem, obrigado pela consideração. Agora, diga o que pretende.

Falou alto e com desembaraço, porque minutos antes Yolanda fora chamada de novo pela filha de Carrington para continuar a confecção do vestido de noiva.

— Enterrando o passado, hem, Cop?

Ele não respondeu, o que provocou amplo

sorriso em Dannot. O pistoleiro se reclinou de novo no balcão para falar sem pressa:

— Errado, amigo Cop. Nosso passado nos acompanhará para sempre, como nossa segunda sombra. Não serei somente eu, como não será somente Storny quem reconhecerá você como o terrível "Frio" Cop, mas você mesmo. Quando estiver bem tranqüilo, sua consciência lhe dirá claramente: *Não se iluda, homem, porque você continua sendo o mesmo "Frio" Cop, o pistoleiro famoso, membro do temido bando de Cole Smith, aquele fora-da-lei que mereceu essa alcunha por enfrentar com absoluta frieza as piores situações e se sair dela lindamente, deixando em seu caminho uma fileira de cruzes.*

— Bonito discurso, Brad. Eu sempre disse que a Igreja perdeu excelente pregador, quando você preferiu o banditismo ao sacerdócio. Devia ter ouvido o seu pai e se metido em um seminário. Se não perdeu a memória, eu costumava dizer que, o que lhe faltava em coragem, sobra em linguarudice. Infelizmente, para você, não disponho de tempo para ouvir suas falastranças inúteis, de modo que será melhor soltar de uma vez a nova canalhice que tem em mente. Você e Ralph nunca simpatizaram comigo e não será agora que estarão caídos de amores por mim.

Brad Dannot deu uma risadinha espremida e rebateu:

— Diabos, Cop, você também está falando bonito! Mas sempre esteve enganado sobre a nossa amizade. Ralph e eu simpatizamos com você desde que nos conhecemos e essa simpatia resistiu ao tempo. A prova disso é que agora pensamos em você como sócio em um negócio estupendo que lhe dará mais dinheiro, de uma só vez, do que você ganharia em dez anos de trabalho atrás desse maldito balcão.

Houve uma pausa, que Copley interrompeu friamente:

— Obrigado pela atenção, Brad, mas não me interessa. Poderão me oferecer todo o ouro do mundo e minha resposta será sempre negativa. Já disse que "Frio" Cop morreu para sempre há dois anos.

— Por sua filha?

— Sim, por minha filha. E daí?

Dannot respirou fundo, com enfado.

— Está perdendo excelente oportunidade para enriquecer depressa e dar a ela o que houver de melhor no mundo. É um negócio formidável.

— Esse tipo de negócio deixou de me interessar há dois anos, Brad. Agora só me interessam este armazém e o amor de minha filha. Descobri em tempo que existem no mundo tesouros mais firmes e valiosos do que todo o ouro da terra. Pena que você e Ralph ainda não tenham...

Interrompeu-se porque o Sargento Kid Brown surgiu à porta do armazém, ladeado por dois soldados. O jovem sorriu e disse:

— Viemos despedir-nos do senhor e agradecer a gentileza de nos emprestar seu lindo animal. Qualquer dia destes voltarei para devolvê-lo e recolher o meu. Por favor, cuide para que o ferreiro trate bem da munheca do meu alazão.

Enquanto falava, olhava ao redor, ficando indisfarçavelmente decepcionado por não deparar com Yolanda.

Wayland Copley sorriu com simpatia, atenuando sua decepção:

— Se procura a minha filha para se despedir dela, Sargento Brown, poderá encontrá-la na casa dos Carrington, onde ela está ajudando na confecção do vestido de noiva da filha de Carrington. A casa fica quase no extremo sul desta rua.

Brown enrubesceu ligeiramente, pigarreou e não disse nada, muito desconcertado, e Copley se voltou para Dannot, afirmando com absoluta naturalidade:

— Sinto não poder atendê-lo no momento, amigo. Na verdade, a mercadoria que deseja nunca foi vendida neste armazém. Acho que foi mal informado.

Brad Dannot pôs na cabeça o chapéu suarento e saiu logo atrás dos soldados.

CAPÍTULO QUINTO

Renasce a fera de Montana

O Sargento Kid Brown não estava nada contente, ao deixar Camprodón com os seus comandados. Um lamentável desencontro privara-o de se despedir da encantadora Yolanda. Quando ele bateu na porta dos Carrington, ela havia saído para fazer umas compras com a filha do casal e visitar uma amiga comum em um rancho afastado do povoado.

Foi um anoitecer quente, pesado, que tornava desagradável a cavalgada. Nem a brisa da noite, nem a umidade das águas do Rio Grande conseguiam atenuar o calor sufocante.

Após duas horas de caminhada, que ao sargento pareceram dias, o soldado Conny se aproximou dele para comentar:

— Sargento Brown, acho que é este o ponto indicado para debandarmos.

De fato, o Major Lancaster, perfeito conhecedor daquela região, fora bem explícito quanto ao local em que o grupo de combate chefiado por Brown deveria mudar de rumo, sendo precisamente ali que começaria a missão do sargento.

Brown desmontou, sendo imitado por seus subordinados, e os cinco conduziram as montarias, pelas rédeas, para um maciço arbóreo a uns trinta metros do caminho.

— Será que dará certo, Sargento? — indagou um dos soldados, em tom de dúvida.

— Não sei, Preston, mas se o major traçou este plano é porque confiou cegamente na informação enviada pelo falecido Capitão Trevor Jameson, por ele destacado para se fazer passar por rancheiro e espionar os movimentos de homens através da fronteira com o México.

— Esses malditos mexicanos são mais cabeças-duras do que os irlandeses — resmungou Preston, ele próprio um filho de irlandeses.

— Os mexicanos de modo geral não, Preston, mas o "general" Ventura Alvarez. Em sua informação, Jameson acusa Alvarez de financiar voluntários para uma guerra quase pessoal e o irmão do Tenente Wegewood, que visitamos em Camprodón, confirmou esse detalhe, afirmando ter visto toda sorte de indesejáveis americanos cruzarem a fronteira para alugarem seus revólveres a Alvarez.

— Quer saber de uma coisa, Sargento? — agora quem falou foi o soldado Conny. — Aquele armazeneiro, o pai daquela garota linda, é um sujeito espantoso. A despeito de seu aspecto inofensivo, deve ser um bicho de valentia.

Kid Brown assentiu com a cabeça mas não teceu comentários. Recebera do Major Lancaster a ordem expressa de não identificar o pacato Wayland Copley como o terrível pistoleiro "Frio" Cop, agora regenerado e franco colaborador da Lei. Ao redigir seu relatório para o major, o Capitão Jameson destacara Wayland Copley como o homem mais credenciado para facilitar o êxito da missão do Exército naquela região.

Pouco depois, o próprio Conny voltou a falar, agora sondando com o olhar as proximidades do local escolhido para se ocultarem:

— Sargento, será que esses sem-vergonhas tentarão mesmo vadear o rio neste trecho, para fazer a grande entrega de armamento e munição a Alvarez?

— Tudo é possível, Conny. O local é excelente. Veja como o arvoredo encobre toda a margem, de ambos os lados, facilitando a operação. Pena que nosso destacamento seja tão reduzido, não nos permitindo vigiar maior extensão do rio.

— Em outras palavras, estamos metidos em uma enrascada dos diabos — comentou Preston, ansioso para que a "festa" começasse.

— Certo, Preston. E teremos de andar com cuidado para não fracassarmos, ou sermos ridicularizados pelo resto do batalhão.

— Seria a primeira vez que o grupo de com-

bate do Sargento Kid Brown voltaria de cabeça baixa, com o peso de uma derrota ou de um fracasso — declarou outro soldado, com amplo sorriso.

— Oswald, você está ficando o pior bajulador deste mundo — disse Conny, em tom de brincadeira. — Se pensa que chaleirando o sargento ele recomendará a sua promoção a cabo, está enganado, porque sou o mais antigo e o mais esperto do grupo.

Os outros vaiaram Conny e Brown ordenou silêncio, perguntando:

— Querem nos denunciar, seus burros?

Os quatro soldados fizeram cara feia e se atiraram ao chão, dispostos a esperar, cada qual em um ponto indicado pelo sargento.

* * *

Wayland Copley foi tomado de séria preocupação após a visita de Brad Dannot.

Toda a sua inteireza ruiu como um castelo de cartas. Ele notou que uma lassidão dominava seus membros e sentiu a garganta seca. Sacudiu a cabeça com energia, mas essa negativa não anulou o efeito das palavars de Dannot em seu íntimo.

Todo o seu esforço para seguir novo rumo, vi-

vendo com honradez, estava ameaçado pelo surgimento de Dannot e Storny.

Lembrou-se detalhadamente do fracassado assalto ao Banco de Fletcher City, Montana, e só então compreendeu que o bando de Cole Smith fora traído por dois homens, precisamente Ralph Storny e Brad Dannot.

E logo lhe ocorreu outra dúvida: a que tipo de negócio se referira Dannot? Não foi preciso grande esforço para encontrar a resposta: contrabando de armas para as forças de Ventura Alvarez.

Seu abatimento cedeu lugar a uma tensão nervosa que o fez contrair os músculos e trincar os dentes, cerrando os punhos. Toda a manha e periculosidade que ele imaginara desaparecidas com a memória de "Frio" Cop voltaram a dominar sua personalidade.

Deixando o armazém às moscas, ele saiu à rua e rumou para a pensão do mestiço David, onde vira entrar Brad Dannot, após a desagradável visita. Teve o cuidado de ir desarmado para não despertar suspeitas quando simulasse o que tinha em mente.

CAPÍTULO SEXTO

Porém, ele apenas sorriu

O céu, até pouco antes de um azul profundo, límpido, começou a se encher de nuvens plúmbeas que se deslocavam com impressionante velocidade, movidas por fortes ventos das camadas atmosféricas superiores.

Fortes contrastes de sombra e luz malhavam a rua principal de Camprodón e a figura impositiva de Wayland Copley se tornava alternadamente clara e acinzentada, enquanto o ex-pistoleiro avançava a passos largos a caminho da espelunca do mestiço David.

Ele chegou finalmente a um dos estremos da Main Street e logo ganhou o conjunto de árvores entre as quais ficava a construção de madeira, em péssimo estado, na qual funcionavam a hospedaria e a pensão do mestiço. Dispunha-se a atravessar o pequeno conjunto arbóreo, quando ouviu o ruído de cascos se aproximando pelo outro lado e se ocultou atrás de um tronco. As nuvens encobriram completamente a lua e a escuridão favoreceu o ex-pistoleiro, tornando-o in-

visível para os que se aproximavam a cavalo, mas dificultando também a sua visão.

Porém os ginetes ganharam o bosque e Copley pôde ouvir um deles resmungar com voz cansada:

— Malditos soldados! Por um triz não acabaram conosco.

— Eram apenas cinco mas pareciam quinhentos — comentou outro, com sotaque do Arizona. — Um gato encurralado não se defende com a fúria daqueles malucos.

Copley estremeceu, sentindo um frio glacial pelo corpo, porque o grupo de combate do Sargento Kid Brown se compunha exatamente de cinco homens. As palavras do primeiro indivíduo tinham sido significativas.

Agora outro indivíduo, de sotaque nitidamente mexicano, soltou:

— Os ianques nem nos viram chegar. Bang! Bang! Bang! Assim dá gosto atirar.

— Se você tivesse, como eu, uma onça de chumbo na carcaça, não estaria fazendo gracinha, Desiderio — protestou outro elemento do grupo, um americano.

— Pois agüente-se como os machos, gringo — disse o mesmo mexicano. — Veja como vem Amancio, caído no pescoço do cavalo mas sem choramingar.

O tal Amancio grunhiu, de voz tensa:

— Parem de falar e apertem a marcha, ou estas brasas que trago no peito me deixarão torrado!

Copley viu então os ginetes contornarem a pensão do mestiço e desaparecer. Apoiando-se na árvore por sentir as pernas bambas, notou um suor frio lhe descer das costeletas. Não queria aceitar a idéia de todos os emissários do Major Lancaster terem sido brutalmente assassinados. Ficou de tal sorte abalado, que nem percebeu a aproximação de um vulto que se plantou às suas costas e, empunhando um revólver, rosnou:

— Nenhum movimento suspeito, ou aqui se acaba tudo para você. Vamos, levante os braços e ande devagar para a hospedaria.

Copley não conhecia aquela voz e não pôde virar-se para ver quem o surpreendera. Caminhou devagar e, quando se dirigiu para a entrada principal, o indivíduo rosnou:

— Por aí não, sabido. Vamos entrar pelos fundos.

O indivíduo seguiu Copley até os fundos da casa e bateu numa porta, que logo se abriu. Um sujeito barbudo semicerrou os olhos para ver na escuridão e quis saber:

— Que significa isto, Hosmer?

O indivíduo que dominara Copley respondeu:

— Encontrei este sabido entre as árvores. Foi uma sorte meu cavalo se atrasar por causa do

ferimento numa pata da frente. Aposto que estava espionando e só não entendo como vocês não notaram sua presença.

— A noite ficou muito escura! — resmungou o barbudo.

Nesse instante, surgiu por trás dele uma figura alta e espadaúda que, portando uma lamparina, iluminou a cena e declarou, entre satisfeito e zombeteiro:

— Ora vejam só, é o meu amigo Cop! Hosmer, guarde esse revólver.

— Sem que ele explique o que estava fazendo entre...?

— Desnecessário — cortou o pistoleiro Storny, com amplo sorriso cínico.

O outro pistoleiro, o barbudo que abrira a porta, argumentou:

— Acho que está fazendo besteira, Ralph. Esse sujeito estava escondido atrás das árvores e deve ter visto e ouvido demais. Você já sabe que arriscamos tudo nesse negócio.

— Repito que não devem preocupar-se, rapazes. Brad e eu nos responsabilizamos por ele.

Encarando com simpatia Copley, indagou:

— Que tem a dizer em seu favor, Cop?

— Esse barbudo tem razão, Ralph. Eu estava entre as árvores e quando passaram os seis cavaleiros ouvi o suficiente para tirar conclusões importantes. Acho bom você recomendar aos imbecis

que parem de ser linguarudos, ou, pelo menos, falem baixo.

Antes que o surpreso Storny pudesse falar, ele acrescentou:

— Eu vim me avistar com vocês.

— A respeito da proposta de Brad?

— Certo. Onde está ele?

— Lá dentro, com os rapazes, mas será melhor você esperar aqui. Vou avisá-lo.

Entrou com Hosmer e o barbudo ficou perto de Copley, muito desconfiado a despeito das garantias de Ralph Storny.

Copley sentou-se num tronco tombado, perto da casa, enrolando parcimoniosamente um cigarro, embora seu cérebro estivesse conturbado pela notícia de que o simpático Sargento Kid Brown e seus quatro comandados tinham sido colhidos de surpresa e liqüidados. E se prometeu vingar a morte dos cinco cavalarianos.

Enquanto ruminava projetos de vingança, se desenrolava uma cena definitiva para ele em uma das dependências da hospedaria. Brad Dannot, rodeado pelo mexicano Lucas Contreras, Ralph Storny e os seis pistoleiros matadores dos cavalarianos, dizia:

— Matando esse homem, não ganharíamos nada.

— Também nada perderíamos — insistiu Contreras.

— Eu já disse que tipo de homem é "Frio" Cop — continuou Dannot. — Se ele tivesse vindo com as intenções que imaginam, a esta altura Hosmer já estaria no inferno.

O pistoleiro citado resmungou, melindrado:

— Isso está para ser demonstrado. Você sabe que sou rápido no gatilho.

— Está bancando o tolo, Jack — rebateu Storny. — Você, perto de "Frio" Cop, saca com a lentidão de uma preguiça. Se já viu um raio cortar o céu, poderá fazer uma idéia da velocidade das mãos desse homem.

Jack Hosmer resmungou um impropério e Brad Dannot encarou Lucas Contreras, para afirmar:

— Não nos devemos imiscuir nos assuntos uns dos outros. Ficou estabelecido com o General Ventura que você dirigiria os mexicanos e eu os meus compatriotas. Você recrutaria os de sua raça e eu os da minha.

— Mas também ficou estabelecido que cada parte estaria no direito de exigir credenciais dos recrutados pela outra parte e esse gringo não me inspira confiança.

— Que diabo, Lucas! Você foi o primeiro a reconhecer que ele não deu com a língua nos dentes em Laredo — continuou Dannot. — E durante a viagem de volta não despertou suspei-

tas naqueles cavalarianos do Exército que acompanharam a carreta.

— Sabia que arriscava a vida da filha.

Brad Dannot armou um sorriso de superioridade.

— Se conhecesse "Frio" Cop, não diria isso, Lucas. Esse homem não recua diante de nada, quando mete uma idéia fixa na cabeça. E se estivesse insteressado em nos delatar, teria arranjado um modo inteligente de fazê-lo, sem se comprometer nem arriscar a segurança da filha. Ele é mais sabido do que todos nós juntos.

— Reconheceu Gutiérrez como um dos que eliminaram Trevor Jameson — lembrou o mexicano, ainda muito desconfiado.

— Certo. Mas nem por isso o denunciou. Repito que considero "Frio" Cop ótimo elemento para o nosso bando. Se tivermos que lutar contra os federais, seus Colts farão mais estragos nas fileiras inimigas do que as nossas armas juntas. E olhe que não sou nada lento no gatilho — sacou, de modo espantoso.

Seguiu-se prolongado silêncio, durante o qual Lucas Contreras enrolou as pontas do bigode, pensativo. Impacientando-se, Dannot sorriu e afirmou:

— A presença de Cop me leva a concluir que aceitou minha proposta.

E sem esperar pelo assentimento do mexicano, dirigiu-se a Storny:

— Ei, Ralph, traga Cop para ser apresentado aos rapazes.

Minutos depois, Wayland Copley entrava com Storny naquela dependência da hospedaria do mestiço David. Seu rosto era um bloco monolítico, indecifrável, quando falou a Dannot:

— Se é verdade que posso embolsar uma importância respeitável no tal negócio de que falou, estarei disposto a colaborar.

— Eu sabia que você acabaria aceitando — disse Dannot, satisfeito. — Acabou entendendo que eu estava certo a respeito da impossibilidade de anular...

— Passado é coisa morta — cortou Copley, com dureza. — Agora só me interessam o presente e o futuro. Desde o momento em que você surgiu com Ralph em meu armazém, compreendi que não podia mudar de vida, mas ainda tentei me iludir.

— Ótimo, gringo — meteu-se Contreras. — Nossos cumprimentos por voltar ao caminho certo. Mas, e a pombinha branca que você botou no mundo? Na melhor das hipóteses, ela chorará minga e acaba dobrando o seu coração.

— Mandarei minha filha amanhã mesmo para Laredo, de onde seguirá para a Califórnia. Eu estava há muito tempo pensando em fazer isso,

mas aguardava uma boa oportunidade. Ficará com uma tia.

Contreras assentiu com a cabeça e Copley arriscou tudo numa jogada, declarando a Brad Dannot:

— Se querem a minha colaboração no contrabando de armas, terão de me atualizar sobre todos os detalhes, porque detesto agir no escuro.

— Como sabe que o negócio é esse? — soltou Dannot, agora com desconfiança.

Wayland Copley armou um sorriso cínico, quase imoral.

— Antes de entregar a alma ao diabo, Trevor Jameson soltou umas palavras a respeito e fiquei intrigado, mas acabei esquecendo o assunto e não me preocupei mais com ele até você e Ralph surgirem em Camprodón. Conheço meus velhos companheiros de canalhices e me foi fácil tirar conclusões.

Dannot sorriu e os membros do grupo se consultaram com o olhar. Todos assentiram com a cabeça e Dannot falou, em sua qualidade de chefe da ala americana:

— Advoguei por sua entrada para o nosso bando e todos acabam de concordar, de modo que pode considerar-se um dos nossos. Mas antes de lhe fornecer detalhes, quero que diga quais conclusões tirou do que ouviu daqueles linguarudos.

— Bem — fez Copley, com ares doutorais. — Pelo que ouvi, concluí que emboscaram o Sargento Kid Brown e seus homens, não deixando um vivo para contar a história.

Lucas Contreras semicerrou os olhos e, retorcendo as pontas do bigode, quis saber:

— Bela conclusão, gringo, mas diga como se informou de que os mortos eram Brown e seus imbecis.

Copley olhou-o nos olhos negros e disse, de lábios apertados:

— Chame aqueles linguarudos e faça cada um dizer o que soltou, enquanto passavam entre as árvores.

O mexicano encarou Dannot e este exigiu dos seis assassinos uma explicação. Eles, muito desconcertados, admitiram ter falado demais. Dificilmente se lembrariam das palavras exatas, de modo que não tiveram como contestar a acusação de Copley.

— Está bem — grunhiu Contreras.

Brad Dannot armou amplo sorriso e, dando um tapinha no ombro de Copley, afirmou:

— Você sempre foi uma águia, Cop. Justamente por isso me lembrei de convidá-lo para companheiro nesta aventura. Você acertou em cheio. Nossos rapazes liqüidaram aqueles soldadinhos cretinos.

Jack Hosmer, por natureza bazofiador, entrou na conversa, para asseverar:

— Foi fácil. A princípio, acreditamos que eles fossem mesmo para Laredo, mas quando se separaram e se espalharam, nas proximidades do local onde pretendemos vadear o Rio Grande com as armas, concluímos que tinham de algum modo descoberto o nosso plano e caímos sobre eles. Devo admitir que se defenderam como feras, liqüidando dois dos nossos e ferindo essa dupla — indicou os feridos, que estavam estirados em enxergas, muito pálidos. — Mas demonstramos a nossa superioridade e....

Wayland Copley, simulando interesse pelo êxito da matança, cortou:

— Será que se deram ao trabalho de verificar se não sobrou algum deles com vida? Quero dizer, gravemente ferido mas respirando.

Jack Hosmer fez cara feia e esclareceu:

— Os quatro soldados nunca mais poderão respirar mas, quanto ao sargento, Gutiérrez me disse que levou dois balaços, porém ainda teve forças para sumir entre as árvores. Mas é certo que não irá longe, porque deve estar perdendo muito sangue e deixamos quinze dos nossos no seu encalço. Se o Major Lancaster conta com ele para se informar de nossos planos, será melhor sentar-se e esperar pelo resto da vida.

Deu uma risada estrondosa, no que foi imitado pelos outros bandidos.

Wayland Copley se limitou a sorrir.

CAPÍTULO SÉTIMO

Queda do valente para a morte

Ao advogar o ingresso de Copley no bando, Brad Dannot não pensara somente na espantosa habilidade do ex-pistoleiro com as armas. Seu cérebro retorcido pensara em outro detalhe utilíssimo para o negócio que tinha em mãos. Por isso, assim que foram eliminadas as últimas suspeitas com o interrogatório dos matadores de Brown e seus comandados, ele ergueu o braço para cortar as gargalhadas e falou, com ares de superioridade:

— Agora que já aceitaram o amigo Cop, revelarei outro ponto que me levou a convidá-lo — olhou para Copley e sorriu com simpatia. — Ele é muito amigo do Major Lancaster.

A informação fez cintilar os olhinhos negros de Contreras, que aprovou com a cabeça. Dannot prosseguiu:

— Dentro de uma hora, nosso novo companheiro, eu e mais três rapazes seguiremos para Laredo, onde nos avistaremos com Lancaster.

Todos ficaram perplexos e Contreras exigiu:

— Fale menos e diga mais, amigo Brad. Que

história é essa de levar o nosso abraço ao major gringo?

Dannot sorriu, com auto-suficiência.

— Você está ficando impaciente, com o correr dos anos, amigo Lucas. Aqui vai a explicação. Convenceremos o distinto Major Lancaster de que somos emissários do Sargento Brown e que ele se valeu de nós para solicitar do major o envio dos seus soldadinhos para darem combate aos contrabandistas de armas da fronteira, porém lhe indicaremos um ponto bem afastado daquele por onde atravessaremos nossa preciosa carga. Compreendeu?

— *Caramba, hombre, te dás de listo!* — exclamou Contreras, satisfeito. — *Y a que esperamos, mi viejo, "pa" comenzar la obra? Tu plan es mancanudo, gringo.*

Mais do que o elogio claro e a expressão luminosa da cara morena de Lucas Contreras, o chefe da ala mexicana do bando, sua aprovação do plano de Dannot ficava patenteada no fato de ele empregar seu idioma natal, um detalhe que todos conheciam.

Brad Dannot informou a Copley:

— Partiremos dentro de meia hora, de modo que será melhor você ir buscar suas armas e seu cavalo.

— Vou acompanhar o amigo Cop — disse Contreras, com um sorriso malicioso.

Ainda desconfiava de Copley, mas o ex-pistoleiro não lhe deu confiança e saiu pela frente da hospedaria sem esperar por ele, que teve de apertar o passo. Caminharam depressa pela Main Street e, quando já estavam diante da loja de Copley, o mexicano franziu a testa, comentando:

— Ouviu isso? Um cavalo relinchando e dando coices, na ruela ao lado.

Wayland Copley teve um pressentimento e se adiantou ao mexicano, mas este correu para alcançá-lo, de modo que entraram juntos na ruela, deparando ao mesmo tempo com um cavalo que relinchava, escoiceava e tentava abrir, com a cabeça, o portão de tábuas do pátio traseiro do armazém. Copley empalideceu, ao identificar, tombado sobre o pescoço de seu cavalo, o jovem Sargento Kid Brown, e Contreras, sacando o "seis-tiros", urrou, exultante:

— Vou acabar com a vida imunda desse grin-go.

— Espere! — rosnou Copley, desviando sua mão armada, antes que apertasse o gatilho. — Pode ferir o meu cavalo. Além disso, a detonação atrairá curiosos. Se alguém testemunhar a morte de um sargento do Exército americano, seremos caçados como coelhos e nosso negócio irá por terra.

Lucas Contreras se conteve, mas trincou os dentes, olhando com ódio para o sargento ferido.

O cavalo de Copley continuava investindo de cabeça contra o portão. Era um animal bem treinado, que estava acostumado a sair sozinho para ir ao pasto e voltar antes do anoitecer. Isso de encontrar a passagem fechada criava em seu cérebro eqüino o maior drama.

Yolanda Copley, ouvindo os relinchos e as pancadas no portão de madeira, saiu ao pátio, olhou através da portinhola e, assim que reconheceu o jovem sargento, abriu o portão, deixando o cavalo entrar.

Contreras se enfureceu:

— Como explica que esse homem de Lancaster use o seu cavalo e volte para a sua casa ferido?

Copley, largando seu pulso, justificou:

— A montaria desse rapaz sofreu um ferimento na pata dianteira e lhe emprestei meu cavalo. O animal está acostumado a voltar do pasto, todas as tardes, e entrar no pátio. Não crie problemas, Contreras.

O mexicano não se convenceu.

— Escute, gringo, acho que você está protegendo esse soldadinho porque também é de sua raça — apontou o revólver para a cara de Copley. — Pensando bem, nosso bando vive melhor sem você.

Wayland Copley viu seu dedo começar a se contrair no gatilho e compreendeu que não podia

hesitar. Projetou a mão espalmada e deu com o canto dela no pulso do mexicano, fazendo a arma saltar longe.

— Se não vai com a minha cara, Contreras, lute de igual para igual, como homem — rosnou.

O mexicano armou leve sorriso e, de um salto, tentou alcançar a arma, no chão. Viu-se erguido e sentiu forte dor no peito, expelindo todo o ar dos pulmões.

Copley fora mais ligeiro, chegando antes e lhe assestando um pontapé no peito. Sentado no chão, ofegante, Contreras trincou os dentes e levantou-se de um salto, urrando:

— Com isto será mais divertido!

Uma faca cintilou à tênue luz da lua, em sua mão esquerda. Ele era canhoto. Inclinando-se e separando as pernas, o mexicano passou a girar em torno de Copley, que se viu em situação embaraçosa. Os bandidos mexicanos eram exímios em luta de faca.

Só havia uma saída, muito arriscada mas eficiente, quando dava certo. Copley testemunhara algumas brigas de faca entre mexicanos e não esquecera o método. Fingiu saltar para a esquerda, quando Contrelas se moveu para a direita, o que levou o mexicano a estacar para equilibrar o corpo e inverter o movimento. Foram segundos de hesitação, que Copley aproveitou para saltar

de bruços e agarrar os seus tornozelos, derrubando-o.

Contreras procurou virar-se para não cair de costas e com isso apoiou de mau jeito a mão armada no chão, caindo de bruços em cima dela. Estremeceu violentamente, emitiu um gemido abafado por estar de cara enfiada na terra, tornou a estremecer e se imobilizou.

Wayland Copley desviou seu corpo e arregalou os olhos.

Lucas Contreras, o chefe da ala mexicana dos contrabandistas de armas, matara-se acidentalmente, cravando no peito, até o cabo, sua horripilante faca de dois gumes! Copley enxugou com a mão o suor da testa e respirou fundo, preocupado. Sabia que após aquele incidente as coisas se precipitariam assustadoramente. Levou aos ombros o cadáver do mexicano e meteu-se no pátio do armazém, indo ocultar o corpo num telheiro. Cobriu o cadáver com uma lona de carreta e se encaminhou para a cozinha, onde havia uma lamparina acesa.

Tinha de ajudar a filha a socorrer o Sargento Kid Brown.

CAPÍTULO OITAVO

Por força do destino

Inclinada sobre o corpo do sargento, que estava no chão da cozinha, Yolanda Copley franziu a testa. Notara o grande interesse da filha pelo jovem sargento, mas não imaginara que a coisa fosse tão séria. Yolanda se apaixonara pelo rapaz.

Não viu mal nisso, porque reconhecia muitas qualidades em Kid Brown, mas lamentava que ela se encantasse justamente por um homem que estava com longínquas possibilidades de sobreviver aos ferimentos. Brown apresentava três manchas de sangue no tórax, sendo duas na região lombar e uma praticamente na altura do coração.

Yolanda percebeu a presença de alguém na cozinha e virou-se depressa, assustada, para logo respirar com desafogo e dizer, chorosa:

— Ele está morrendo, papai! Temos de fazer alguma coisa, urgente, para salvá-lo!

Copley se ajoelhou no chão para examinar os ferimentos e franziu a testa.

— É grave, Yolanda. Vou agora mesmo buscar o doutor Hutton.

— E aquele homem horrível que estava com você, no beco?

Copley fez uma cara indecifrável.

— Bem, aquele mexicano pretendeu matar este rapaz a tiros e... Lucas Contreras nunca mais poderá atentar contra a vida dos outros.

— Você... você matou aquele homem, papai?

O ex-pistoleiro tardou para responder, buscando as melhores palavras.

— Filha, não tive outra saída. Foi preciso escolher entre Brown, um rapaz direito, e aquele bandido mexicano. Sinto muito.

Ela estendeu o braço e segurou a mão do pai.

— Eu compreendo e fico agradecida, papai. Não fosse por você, e Kid estaria morto.

Copley acariciou os cabelos negros da filha mestiça e tomou o sargento nos braços, levando-o para a sua própria cama. Em seguida, saiu para buscar o médico.

Hutton atendeu prontamente ao chamado. Examinou com cuidado o ferido e meneou a cabeça, murmurando como se falasse sozinho:

— Isto está muito feio. Só um milagre poderá salvar este pobre rapaz. Enfim, farei o que estiver ao meu alcance.

Alteando a voz, pediu:

— Água quente e umas toalhas. Yolanda, abra minha maleta e vá pegando os instrumentos que eu pedir. Como é, Wayland, vai ficar aí parado?

Copley foi esquentar água. Meia hora depois, Hutton estava mergulhado em arriscada intervenção, tendo por instrumentista improvisada Yolanda Copley.

Foi uma hora inteira de apreensão, mas friamente Hutton deixou numa gaze as três balas 44, comentando:

— Devemos esperar pelo segundo milagre. O primeiro já se havia operado quando estas balas, entrando no corpo do rapaz, se alojaram entre órgãos vitais sem atingi-los com gravidade. O vigor físico deste jovem será grande fator a seu favor. Seja o que Deus quiser! Yolanda, não fique aí parada como boba. Vá enquentar café para nós.

A jovem saiu depresa, agora cheia de esperanças. O doutor Hutton era um desses gênios da Medicina que preferem o sacerdócio médico na roça ao êxito e renome em hospitais famosos das cidades grandes. Sem favor, um dos melhores cirurgiões de sua época.

Saboreou com Copley e a filha um café fresquinho e tornou a examinar o paciente, armando um sorriso discreto para informar:

— Deus é bom demais! Não é que Ele teve

pena do rapaz e lhe deu força ao coração? Parece um tambor.

Yolanda tapou o rosto para chorar e Copley engoliu em seco, emocionado.

— Você contribuiu com boa parte do milagre, seu velho rabugento — disse ao médico, de voz tomada pela emoção.

Hutton sorriu com ares beatíficos.

— Eu procuro fazer direito a minha parte, que é mínima, e entrego o lado mais importante ao Senhor. Sempre que vou operar um semelhante, peço com fervor que Ele guie as minhas mãos. Acho que até agora tenho sido ouvido.

— O senhor merece ser ouvido por Deus, doutor — soltou Yolanda, sapecando um beijo lacrimoso no rosto sangüíneo de Hutton.

— Vê se enxuga a boca antes de me beijar, sua porca! — grunhiu o médico, para disfarçar a emoção. — Detesto ficar todo babado!

Meteu o chapéu na cabeça, pegou a maleta e saiu do quarto, recomendando, enquanto se afastava:

— Não saia da cabeceira desse rapaz. Ao menor sinal de perigo, mande alguém me chamar. E cuidado com a febre.

Saiu.

Wayland Copley lembrou-se da enrascada em que se metera, causando acidentalmente a morte do chefe da ala mexicana dos contrabandistas de

armas e julgou conveniente contar à filha tudo sobre o seu passado. Não queria que, ao se enfrentar a tiros com os bandidos, ela descobrisse suas habilidades com as armas, crivando-o de perguntas, se ele não fosse morto no tiroteio. Mas, e se perdesse a admiração de Yolanda? Ela não gostaria de saber que o pai, um simples armazeneiro muito conceituado em Camprodón por sua honradez e sobre cujo passado ele próprio forjara histórias maravilhosas, não passava de um indesejável, o terrível "Frio" Cop, esforçando-se inutilmente para se regenerar.

Fechou os olhos e ficou com a cara perlada de suor.

Yolanda olhou casualmente para ele e franziu a testa.

— Está preocupado com a morte daquele homem, papai? Ou será que o considera perdido...

— Não, filha, nada disso me preocupa diretamente. Isto é, eu me preocupo com a vida de Brown mas...

Yolanda se aproximou dele, que estava sentado, e, segurando sua cabeça, encostou-a no peito.

— Coisas do passado? — soltou.

Wayland Copley respirou fundo.

— É, filha, coisas de um passado que eu queria ocultar. Não sei como começar o que tenho para revelar. Sei que admira o seu pai e...

— Já sei de tudo.

Copley afastou sua mão e ergueu a cabeça, extremamente pálido.

— Sabe?!

A jovem sorriu com doçura.

— Sei que você foi o perigoso "Frio" Cop.

O ex-pistoleiro não empalideceu mais por ser impossível.

— Como? Quem?

— Fiquei sabendo esta tarde, por esse homem chamado Brad Dannot. Escutei casualmente, quando voltei em casa para apanhar um carretel de linha. Entrei pelos fundos e, ao ouvir vozes na loja, entreabri a porta, curiosa. Sua resposta à proposta desse Brad Dannot, quando ele veio pela segunda vez, foi maravilhosa, papai.

— Então, você... você estava aqui quando ele veio pela segunda vez!

— Já disse: tinha esquecido o carretel de linha branca.

Copley não quis revelar que fingira ingressar no bando, como parte de um plano, temendo que a filha tentasse demovê-lo da idéia.

— E que pensa, agora, do seu pai? — indagou, de voz apagada, temendo a resposta.

— Isto — disse Yolanda, sapecando-lhe um beijo estalado na testa. — Você continua sendo o melhor pai do mundo.

Os olhos do ex-pistoleiro ficaram marejados e um nó lhe apertou a garganta. Ele levou quase

um minuto para se sobrepor à emoção e dizer, ainda de voz tomada:

— Acho que agora você deve saber de tudo.

— Não precisa. Eu confio cegamente em você, papai.

— Faço questão, filha. Necessito tirar este peso da consciência.

— Se acha que se sentirá melhor...

Copley, acariciando o braço da filha, soltou toda a verdade:

— Várias circunstâncias me empurraram para a senda do crime, principalmente duas: fui criado sem pai nem mãe, por um casal indecente, e nasci com habilidade fora do comum para o manejo das armas. Aos quatorze anos, já enfrentava, com vantagem, os melhores atiradores de Montana. Confesso que o banditismo me seduziu e, bem, cheguei a matar a sangue-frio — baixou a cabeça. — Da primeira vez, a gente não dorme e quando consegue dormir tem pesadelos horríveis, mas não quer dar o braço a torcer e, instigado pelos admiradores, mete na cabeça que tem de justificar a fama. E continuando a matar, a gente pensa estar tirando importância ao primeiro crime de morte.

Interrompeu-se para alcançar a xícara do café, que já estava frio.

— Vou esquentar um pouco.

— Não, filha, assim está bom. Eu só queria

molhar a garganta. Foi por causa de minha fama que o temido pistoleiro Cole Smith mandou um emissário me convidar para fazer parte do seu bando, com a promessa de logo me tornar o seu lugar-tenente. Fiquei envaidecido e concordei. Durante algum tempo, realizamos com êxito vários assaltos e fui guardando meu dinheiro em lugar seguro, porque a essa altura já pensava seriamente em mandar buscar você da casa de sua tia Matilda, na Califórnia. Então planejamos assaltar o Banco de Fletcher City, em nosso Estado de Montana. Mas quando entramos na cidade, fomos recebidos por uma emboscadá que custou a vida de quase todos, excetuando-se apenas eu, Dannot e Storny, os dois traidores que nos delataram ao xerife local. Levei dois tiros no peito e só não morri porque tive a sorte de vir ter a Camprodón na carreta de um pregador protestante, cuja mulher, uma senhora muito bondosa, conseguiu me manter vivo durante a viagem. O casal não me denunciou a um xerife, no trajeto, por achar que só Deus pode julgar os homens. Haviam testemunhado injustiças dos tribunais humanos. Quando chegaram a Camprodón, de passagem, me confiaram ao doutor Hutton, dizendo que eu era um empregado do casal e fora baleado por uns salteadores. Hutton operou o milagre de me salvar.

— Deus, papai. O doutor Hutton disse que entra com a menor parte nos milagres.

Copley adorou ver a filha de bom humor e prosseguiu, mais animado:

— Está bem, filha, Deus guiou as mãos de Huton e em pouco tempo eu estava novamente em forma. Porém, ouvindo as opiniões de Hutton e consultando a consciência, decidi começar vida nova, disposto a esquecer o passado. Usei o dinheiro economizado para comprar o casarão dos Pimentel e transformá-lo em armazém. Depois, mandei buscar você e... Bem, o resto você já sabe.

— É. Chegaram esses antipáticos e o passado voltou.

— Não consentirei que esses animais destruam o que construímos juntos, Yolanda.

Nesse instante, bateram na porta da cozinha e Copley, sobressaltado, correu ao baú, afivelando nos quadris o cinturão com os seus velhos mas bem azeitados Colts 45. Yolanda franziu a testa mas não disse nada, compreendendo que seu pai saberia empregar as armas para o bem. O próprio Copley abriu a porta.

Era Hutton, que arregalou os olhos, ao vê-lo portando armas.

— Pensei que tivesse desistido disso — comentou o médico. Logo acrescentou, para que Copley não tivesse tempo de falar: — Andei

rexemendo em meus guardados e encontrei um medicamento que é verdadeira dinamite. Talvez ajude a refazer o jovem mais depressa — exibiu o frasco. — Foi isso que usei para reanimar você, quando chegou entre a vida e a morte. Vamos.

Foi entrando e meteu-se no quarto de Copley, não desperdiçando tempo. Ministrou a tal "dinamite" a Kid Brown e pediu, sem olhar para Yolanda:

— Mais café. Será que sempre terei de pedir?

Assim que Yolanda saiu, voltou-se para Copley.

— Sabe, Wayland? Acho que este rapaz ainda será seu genro. Tem vigor espantoso e sua filha me parece encantada por ele. Acha que ela é correspondida?

Foi a primeira vez que Copley sorriu de verdade nas últimas quarenta e oito horas.

— Brown está pelo beiço, doutor. Isso me agrada, porque se o Major Lancaster confia tanto nele, é porque o rapaz deve ser um homem direito.

Hutton assentiu com a cabeça.

Yolanda trouxe as xícaras e tomaram café em silêncio. Quase uma hora depois, Kid Brown gemeu, balançou a cabeça e abriu os olhos, provocando uma exclamação do médico:

— Diabos, esse menino é de ferro! Vejam, já voltou a si. Talvez tenha algo importante a declarar e...

Nesse instante, bateram com força numa das portas do armazém, que estava fechado, e os três se olharam, tensos. Yolanda correu ao armazém e olhou cautelosamente pela janela, voltando em seguida.

— Papai, são aqueles homens. Dannot e mais seis.

Copley examinou rapidamente as cargas dos revólveres, girando-os pelos guarda-gatilhos nos indicadores para devolvê-los aos coldres, sob os olhares espantados da filha e do médico.

— Doutor, fique aqui, com Yolanda, tomando conta de Brown — decidiu, com uma luminosidade diabólica nos olhos. — Apaguem a luz do quarto e procurem saber de Brown o que ele tem para me dizer, mas procurem não fazer barulho, para que esses canalhas não desconfiem. Vou atendê-los.

— Cuidado, papai!

Wayland Copley sorriu com tristeza.

— Parece que o destino me fará voltar a ser, temporariamente, o indesejável "Frio" Cop — soltou, saindo do quarto.

Oswald Hutton começou a recitar uma oração e Yolanda baixou a cabeça, contrita.

CAPÍTULO NONO

Obrigado a ser canalha

Wayland Copley parou no corredor e se olhou em um espelho do cabide de capas e chapéus. "Frio" Cop! Talvez Brad Dannot estivesse certo. Aquele homem, no espelho, era um pistoleiro de verdade. Alto, meio encurvado, pernas arqueadas, os braços caídos ao longo do corpo e as mãos contraídas a centímetros dos Colts, fisionomia tensa e olhos semicerrados, de olhar frio. Um mensageiro da morte!

Será que nenhuma transformação para melhor ocorrera naqueles dois anos de vida honrada, pacata, no insignificante povoado de Camprodón? O ex-pistoleiro respirou fundo, desiludido. Até a indiferença diante da morte era típica dos matadores profissionais. Valeria à pena abandonar tudo que construíra em companhia da filha?

Essa idéia fez Wayland Copley estremecer. Por que ainda dava guarida a pensamentos imundos? Afinal, o destino lhe abrira maravilhosa oportunidade, brindando-o com o amor e a compreensão de Yolanda, linda jovem capaz de perdoar

seus erros do passado e continuar amando-o como se ele sempre tivesse sido um homem de bem.

E também havia a possibilidade de uma guerra pessoal financiada pelo "general" Ventura Alvarez, a qual, além de motivar imediatamente a perda de muitas vidas, poderia degenerar em novo conflito entre seu país e o México.

Ele era, naquele instante, o responsável pela dura tarefa de evitar novo choque entre duas nações em tudo o mais amigas. Mas, para tanto, teria de reviver a figura temida de "Frio" Cop.

Empertigando-se, caminhou pisando firme até a porta do meio, do armazém, e abriu, deparando com Brad Dannot, acompanhado de mais cinco pistoleiros. Todos olharam para ele com ares desconfiados e Dannot quis saber:

— Onde está Lucas?

Copley encolheu os ombros.

— Eu também gostaria de saber — mentiu com descaramento. — Disse que eu esperasse aqui e ainda estou esperando. Se esse mexicano não é um irresponsável, deve ter acontecido alguma coisa muito séria.

Um mestiço do grupo resmungou:

— Aposto que foi despedir-se de Rosita. Essa maldita mestiça está brincando com o coração

de Lucas. Quando surge a menor oportunidade, ele vai lamber os pés da sem-vergonha.

Dannot fez uma referência indecente a esse amor vadio de Contreras e ordenou a um pistoleiro americano:

— Você, Laine, fique aqui esperando pelo imbecil. Quando ele chegar, deverão estourar as montarias para nos alcançar. Iremos em linha reta para Laredo.

Copley afirmou:

— Tenho de avisar minha filha para que não se assuste, caso se levante e veja Laine aqui.

— Certo — concordou Dannot. — Mas cuidado com o que diz, Cop. Se falar demais e ela der com a língua nos dentes, cumpriremos aquela ameaça.

— Ameaça? — fingiu não entender ou não se lembrar Copley.

— Já esqueceu o que disse Lucas, naquele bosque, quando foi com a carreta a Laredo?

— Hum! — fez Copley, trincando os dentes. — Enquanto aviso minha filha, podem beber à vontade — acrescentou, indicando o balcãozinho de bebidas do armazém.

Meteu-se pelo corredor assim que os pistoleiros se encaminharam para onde estavam as garrafas e, em seu quarto, juntou-se a Hutton e Yolanda, indagando do médico:

— Que desejava de mim o sargento?

— Ele quer você vá a Laredo atualizar o Major Lancaster sobre os últimos acontecimentos. Esse rapaz confia cegamente em você e nós também — acrescentou o médico, com uma expressão muito significativa.

Wayland Copley compreendeu que o doutor Hutton, vendo-o perfeitamente reintegrado na condição de pistoleiro, receava que ele se deixasse levar pelos atrativos da vida arriscada, destruindo anos de esforços para se regenerar. Sorriu.

— É bom saber que confia em mim, doutor. Você também, filha. Tudo farei para corresponder a essa confiança e não decepcionar Kid Brown. Mas precisarei de outra pessoa a fim de realizar um plano.

— Eu não sirvo? — ofereceu-se Yolanda.

— Não, filha, você ainda é muito jovem.

— Então, serei eu quem deverá ajudá-lo.

— Também não, doutor. O senhor é imprescindível ao lado deste rapaz.

— Papai, quero ser digna de você — insistiu Yolanda, segurando-o pelo braço. — Sou filha de um ex-pistoleiro famoso que se tornou o cidadão mais querido e respeitado de Campródon! Depois do doutor Hutton, naturalmente.

— Está me bajulando para eu salvar esse rapaz — sorriu o médico, encarando Copley à espera de sua aprovação para a filha. — Wayland, essa

menina tem cabelinhos nas ventas. Aposto que será capaz de cumprir a sua parte melhor do que ninguém.

Copley apertou os lábios, hesitante. Mas acabou concordando, porque Yolanda argumentou:

— Assim que você sair com esses sujeitos e informar errado o Major Lancaster, partirei a fim de interceptar o major a meio caminho e lhe revelar a verdade. Será fácil e sem nenhum risco, papai.

— Está bem, você ganha, uma vez mais.

Em seguida, ele expôs detalhadamente os planos dos contrabandistas, e o seu, indicando o ponto exato do Rio Grande em que os bandidos pretendiam atravessar o armamento para o México.

— Tenho tudo bem registrado na memória — disse Yolanda, satisfeita. — Obrigada por confiar a mim esse lance principal contra os inimigos da paz.

Copley sorriu e saiu do quarto.

Pouco depois, juntava-se aos pistoleiros no balcão das bebidas e dizia, com absoluta naturalidade:

— Pronto, já estou às suas ordens, Dannot.

O pistoleiro Laine empunhou um garrafa de uísque e disse:

— Ei, Copley, eu gostaria de ficar com isto.

— Pegue quantas garrafas quiser. Se o estú-

pido está embeiçado pela tal Rosita como disse, tão cedo não voltará. Você terá tempo para se encharcar de álcool à vontade.

— Nada disso — discordou Dannot. — Pode beber, mas não se embriague, porque vamos necessitar de seus revólveres.

— Certo — resmungou Laine, com cara de quem não pretendia resistir ao atrativo das garrafas.

* * *

Coisa de meia hora depois a partida de Wayland Copley com os pistoleiros, Kid Brown, até então imóvel, começou a se agitar no leito, resmungando coisas inteligíveis e gemendo. Sinal de febre alta.

Hutton sacudiu a cabeça, preocupado, dizendo a Yolanda:

— Tenho de arranjar um jeito de chegar à cozinha e preparar uma infusão de sassafrás. Se não medicar esse rapaz agora mesmo, essa febre poderá cozinhar seu cérebro.

— Por que arrisca a vida pelos outros, doutor Hutton.

O médico arqueou as sobrancelhas.

— Cavacos do ofício, filha.

Ela assentiu com a cabeça, pensativa, e sua fisionomia se iluminou.

— Doutor, acabo de ter uma idéia que poderá dar certo.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Não me diga que pretende ir à cozinha, em meu lugar, arriscando-se a ser vista e cobiçada por esse sem-vergonha que está no armazém.

— Não, doutor, não é isso.

Inclinando-se, ela murmurou umas palavras aos seus ouvidos.

— Menina, você confirma o ditado de que toda mulher faz parte com o diabo.

— Não exagere. Escute, doutor, já passou o tempo indicado por meu pai e talvez esse homem comece a desconfiar da demora do tal Lucas Contreras. Vamos agir?

— Vamos.

Imediatamente, o médico tirou o paletó e arregaçou a camisa, saindo ao corredor. Surgiu no armazém, com cara de grande preocupação, dirigindo-se ao pistoleiro, que tinha enfiado na boca o gargalo de uma garrafa:

— Ei, rapaz, onde está Wayland?

Laine arregalou os olhos, espantado de ver ali o médico do povoado.

— Que faz aqui, *doc?*

— Estou cuidando da menina Yolanda. Coisas de mulher, entende? Mas acontece que a hemorragia não quer ceder e, como Wayland

me disse que tinha vindo para cá avistar-se com...

O pistoleiro armou um sorriso imbecil.

— Wayland Copley saiu a negócios, *doc*.

— Diabos! Como pode ter saído, se sabia que a filha não estava nada bem?

Enquanto falava, Hutton se deslocava de lado, com grande naturalidade, forçando o pistoleiro a girar.

— Certos negócios são mais importantes do que...

Laine não concluiu a alegação porque uma garrafa de uísque, cheia, desceu em sua nuca, deixando-o desacordado. Ele caiu pesadamente e ficou imóvel.

— Você pega forte, menina — sorriu o médico, encarando Yolanda, que ainda empunhava a garrafa, por trás do balcão.

Ela entrara, enquanto Laine prestava atenção aos argumentos de Hutton e girava, ficando impossibilitado de vê-la aproximar-se.

— Agora é a sua parte, doutor. Amarre com força e amordace o homem, se ele não tiver morrido.

Hutton ajoelhou no chão e auscultou o tórax de Laine, armando um sorriso.

— Sua máquina está batendo, filha.

— Graças a Deus! Por favor, cuide bem de Kid.

— Kid, hem? Antes era Sargento Brown.

Yolanda enrubeceu um pouco mas respirou fundo e saiu do armazém, saltando para a sela da montaria de Laine. Não poderia usar o cavalo de Copley, porque o pai tivera de usá-lo para acompanhar os pistoleiros. Lançou a montaria em furioso galope.

* * *

As primeiras luzes da aurora começavam a clarear as colinas longínquas, faltando minutos para amanhecer.

Porém, Brad Dannot e os pistoleiros que cavalgavam ao seu lado não tinham olhos para as belezas naturais, dominados por uma idéia fixa: chegar o quanto antes a Laredo.

O astuto Dannot sabia que estava arriscando naquela jogada a sua própria cabeça e que a menor falha lhe poderia custar a pele.

Avistaram Laredo, quando o sol já havia insinuado sua face redonda sobre um monte pelado, inundando a pradaria com uma luz avermelhada que fazia prever um dia escaldante.

O resfolegar das montarias e o sangue que escorria de suas ilhargas eram testemunhos lamentáveis do quanto tinham sido impiedosamente fustigadas pelos ginetes, em seu afã de ganhar tempo. Entraram em Laredo como centauros, espavorindo pequena vara de porcos que atraves-

sava pacatamente a Main Street, conduzida por um rapazola mestiço.

Os cavaleiros saltaram das selas e ataram as rédeas à barra do *saloon* "Dodaro", propriedade de um mexicano gordo e simpático, que suportava estoicamente todas as ofensas de que era alvo por questões raciais e conseguia prosperar, vingando-se dos americanos por meio de suas bailarinas, que embriagavam e depenavam a clientela.

Dannot encarou os seus comandados e disse secamente:

— Wayland Copley e eu vamos falar com o major. Vocês, fiquem esperando aqui, mas nada de bebedeiras. E não esqueçam minhas instruções. Certo?

Os outros assentiram com a cabeça, em silêncio, e os dois se afastaram pela calçada de madeira, plantando-se diante de uma casinha branca, com jardim bem cuidado.

Era a residência do Major Lancaster.

— Vamos, puxe logo esse cordão de campainha — resmungou Dannot para Copley.

Wayland Copley estendeu a mão, porém Dannot segurou seu braço, indagando com ares de dúvida:

— Tem certeza de que ele está em casa? Pode ter voltado ao forte.

— Bem. Até ontem ele estava aqui, segundo me informou um dos meus, digamos, espiões.

— Espiões, hem? Quer dizer que estava agindo por conta própria — comentou Dannot, ainda mais desconfiado.

Copley armou um sorriso malicioso.

— Escute, Brad, eu não disse que me tornei um santo. Exploro aquele armazém e algumas vezes tenho de comprar coisas de origem duvidosa. Detestaria decepcionar o meu amigo Lancaster. A vida me ensinou que o sgredo da vitória está em fazer tudo direito.

Brad Dannot semicerrou os olhos, analisando-o discretamente.

— Continua o mesmo espertalhão dos bons tempos — soltou. — Está bem, toque a campainha.

Copley encolheu os ombros e puxou com energia o cordãozinho, ouvindo-se o tilintar da campainha da porta.

Não tiveram de esperar muito, concluindo que o major já estava acordado, porque ele logo se apresentou à porta, abotoando a túnica. Era um homem alto, de pele curtida pelo sol, cujos olhos azuis transmitiam ao mesmo tempo confiança e certo temor.

— Olá, Wayland, bem-vindo à minha casa — declarou, com voz grave que dizia de sua au-

toridade. — Devo concluir que veio tratar de assunto importante.

— Certo, Major. Eu não cometeria a indelicadeza de bater à sua porta tão cedo, se o motivo não justificasse a inconveniência. Este é o meu amigo Brad Dannot, pessoa da mais alta confiança. Pode confiar nele como confia em mim.

— Muito prazer, senhor Dannot — disse o major, estendendo a mão, que o pistoleiro apertou com naturalidade. — Por favor, entrem. Conversaremos melhor lá dentro.

Entraram e Copley foi logo dizendo:

— Major, viemos trazer uma mensagem do Sargento Kid Brown, que foi gravemente ferido às margens do Rio Grande. Seu estado inspirava tantos cuidados, quando partimos, que não ouso alimentar esperanças.

— Pobre rapaz! — lamentou o major, visivelmente abalado. — Porque Brown não mandou um dos seus comandados? Ora, estou dizendo tolice. Se está gravemente ferido, não poderia...

— Não se trata disso, Major — cortou Copley. — Lamento dizer, mas o Sargento Brown... Bem, ele é o único sobrevivente de uma emboscada. Os quatro soldados morreram lutando como verdadeiros heróis. O sargento me falou do embate, pouco antes de desmaiar.

Lancaster deu alguns passos no vestíbulo, pen-

sativo, e voltou para diante da dupla, encarando Copley.

— E qual a mensagem de Brown? Eu disse a esse rapaz que, em caso de perigo, devia confiar em você. Ele sabia a respeito de sua atuação inteligente para me trazer, ontem, aquela mensagem de Jameson e se declarou satisfeito de poder contar com a sua ajuda em caso de grande necessidade.

Wayland Copley manteve-se empertigado, sem olhar para Dannot, que armou uma expressão de desconfiança. Infelizmente o major, no afã de enaltecer sua colaboração, soltara a verdade diante da pessoa errada.

Sentiu um aperto no estômago. Enganara Dannot por motivos elogiáveis, mas agora ludibriava lamentavelmente um homem digno da maior consideração e fidelidade. Por isso quis apressar aquela entrevista e aproveitou a referência à sua colaboração da véspera para dizer, favorecendo os planos de Dannot:

— Trevor Jameson estava certo quando me disse que os contrabandistas pretendiam atravessar as armas naquele trecho do Rio Grande onde estão os dois vidoeiros brancos gigantes, mas os canalhas, vendo surgir em Camprodón o Sargento Brown com os seus comandados, desconfiaram, seguiram o pequeno grupo de combate e... bem, o senhor já sabe.

Lancaster assentiu com a cabeça e frisou:

— Copley, se não ouvi mal, você disse que eles pretendiam usar aquele trecho dos vidoeiros para vadear o rio.

— Certo — interveio Dannot, fazendo cara de santo. — Pensando que o valoroso Sargento Brown estivesse morto, os contrabandistas falaram abertamente diante dele sobre a mudança de seus planos. Resolveram mudar o ponto de travessia, com receio de que o senhor enviasse outra patrulha, possivelmente mais numerosa.

— Entendo. Brown chegou a ouvir sobre o novo ponto escolhido? Pôde revelar esse detalhe antes de perder os sentidos?

— Sim, senhor — voltou a falar Copley, com forte aperto no coração, tirando do bolso um papel dobrado. — Está vendo esta cruz, na margem americana do Rio Grande? — indicou o ponto com o dedo, após desdobrar o papel. — Marca o novo local escolhido pelos contrabandistas que colaboram com Ventura Alvarez. Fica bem distante do primeiro, mas é igualmente bom para a travessia.

Lancaster tomou nas mãos o papel, em que havia um mapinha esboçado a lápis, analisando-o detidamente.

— Sim, um lugar excelente para essa operação — murmurou, alteando a voz. — Querem saber de uma coisa, amigos? Não me posso furtar a

admirar a coragem desses homens. É preciso ser corajoso de verdade para atravessar um carregamento bélico nesse local tão próximo de nosso acampamento volante, quase sob os nossos narizes.

— Além de não terem amor à vida, esses canalhas são inteligentes, Major — opinou Copley, enojado com o seu próprio comportamento. — Valem-se exatamente desse detalhe para conseguir êxito, certos de que nossas forças não suspeitariam de tal aventura. Além disso, devem ter concluído que o senhor mandaria as suas colunas ao encontro do Sargento Brown e seus soldados, estranhando que ele não tivesse voltado ou enviado algum emissário dando notícias. Neste caso, aquele trecho do rio ao norte de Camprodón ficaria desguarnecido, facilitando as coisas para eles. Não estamos lidando com tolos, senhor.

Lancaster estudou de novo o mapinha, franziu a testa e decidiu:

— Esperem aqui, por favor. Vou acabar de me vestir e dar umas instruções à enfermeira de...

— Como está a sua esposa, Major? — cortou Copley.

— Graças a Deus já está fora de perigo.

— Se o senhor quiser, posso ficar aqui para ajudar a enfermeira — declarou Brad Dannot,

com a mais santa das caras. — O senhor sabe: chamar o médico, buscar remédios.

— Não, senhor Dannot, está sendo muito gentil, mas não será necessário — disse o major, profundamente grato. — O médico vem à minha casa três vezes por dia, ou mais, e a enfermeira é pessoa muito expedita. Obrigado.

— Não faça cerimônia, senhor — insistiu o pistoleiro, com cinismo.

Lancaster sorriu.

— Obrigado, mas prefiro deixar esse trabalho aos cuidados de Emily, a nossa boa enfermeira. Muito obrigado.

Brad Dannot encolheu os ombros e Lancaster, franzindo a testa, encarou Copley.

— Sabe, Wayland? Mudei de idéia. Não será preciso vocês esperarem por mim aqui. Irei imediatamente ao forte e comandarei pessoalmente a operação contra os bandidos. Quero ter a satisfações de ordenar de viva voz o fuzilamento imediato desses homens que, por ambição, podem contrabuir para de novo ficarem estremecidas as relações entre a nossa pátria e o México. Não alimento pensamentos de vingança, mas acho que devo isso àqueles quatro bons soldados e a Brown, que a esta altura também poderá estar morto.

— Eu compreendo, Major — disse Copley, sentindo-se o último dos homens. — Voltaremos

imediatamente para Camprodón, a fim de velarmos pelo Sargento Kid Brown.

Lancaster sacudiu a cabeça afirmativamente e pediu:

— Façam-me o favor de dizer a Brown, se o encontrarem com vida, que ao terminar a operação contra os contrabandistas, irei visitá-lo e logo recomendarei ao Alto Comando sua promoção a segundo tenente da Cavalaria.

— Ele ficará feliz, senhor — adiantou-se Dannot, simulando com perfeição grande entusiasmo.

Wayland Copley teve de empregar grande força de vontade para não sacar os Colts. Dominou a vontade de matar Brad Dannot, porque se lembrou de que Laine ficara em Camprodón sob o pretexto ostensivo de esperar por Lucas Contreras, mas sem dúvida com instruções de Dannot para vigiar Yolanda. Sua filha não poderia fugir e, caso ele matasse Dannot, os outros pistoleiros castigariam Yolanda.

CAPÍTULO DÉCIMO

O lado bom dos homens maus

O povoado de Laredo ficou assombrado, ao ver desfilar por sua Main Street, em coluna por quatro, o esquadrão de Cavalaria comandado pelo Major Lancaster.

Não que aquela gente jamais tivesse visto cavalarianos em formação de coluna por quatro, mas por não constituir nenhum segredo que o "general" Ventura Alvarez envidava todos os esforços, em trama política e dinheiro, para acender o estopim de uma nova guerra asteco-americana em proveito próprio, com a idéia de retomar as terras de bons pastos que perdera, do lado americano do Rio Grande, com a derrota mexicana no recente conflito armado entre os dois países.

Aquela gente humilde não tinha nada de tola e o desfile dos soldados de Lancaster levou-a a concluir que a nova desgraça já estava para começar.

Recostados na barra para cavalos, diante do "Dorado", Brad Dannot e Wayland Copley acenaram com a mão para o Major Lancaster, quan-

do ele passou diante da dupla, cavalgando com admirável garbo militar um lindo corcel branco, puro-sangue. Lancaster respondeu com breve aceno de cabeça e prosseguiu encabeçando seu esquadrão.

Assim que os cavalarianos acabaram de percorrer a rua principal de Laredo, o pistoleiro Dannot agitou a mão para os seus comparsas e declarou, com amplo sorriso vitorioso:

— Agora vocês entram em cena, rapazes. Sigam esses estúpidos, mas não se deixem ver. Convém certificarem-se de que realmente rumam para o lugar indicado. Já sabem: distanciem-se um do outro de modo a que, se o primeiro for surpreendido, o outro nos possa dar o alarme. Se tudo correr como planejamos, façam o jogo da moeda para decidir qual dos dois voltará dentro de uma hora para juntar-se a nós e nos acompanhar até Camprodón.

Os dois pistoleiros de segunda categoria assentiram com a cabeça e desataram da barra as rédeas das montarias, trocando sorrisos de satisfação.

— Você irá na frente — resolveu um deles.

— Por que eu? — quis saber o outro. — Tem medo de ser apanhado e fuzilado?

— Não, estúpido, eu não tenho medo de nada. É que, se eu morresse, o mundo perderia um

grande sujeito; mas se você fosse fuzilado, ninguém lamentaria, entendeu?

— Um dia destes você acabará com a boca cheia de formigas — rosnou o primeiro, montando em seguida.

— É possível — sorriu o outro, também saltando para a sela. — Deve ser bom comer doces no enterro de um mau companheiro.

Partiram e Dannot disse a Copley, com uma risadinha:

— Esses cretinos discutem o tempo todo e se ofendem, mas não conseguem viver separados. Trabalham melhor juntos. Foi por isso que eu os escolhi para seguir Lancaster.

De fato, exatamente uma hora depois, um dos pistoleiros voltava a Laredo e apeava com a montaria ainda em movimento, entrando intempestivamente no *saloon*. Localizou com o olhar Danont ao lado de Copley, em uma mesa ao fundo, e plantou-se diante dela para informar, exultante:

— Os estúpidos caíram como patinhos. Continuam cavalgando rio acima, seguidos por Tracy. Podemos fazer o trabalho com toda a calma.

Brad Dannot levantou-se, com amplo sorriso, declarando:

— Engula depressa uma dose de uísque. Partiremos em seguida porque não temos mais nada a fazer aqui. Vamos ter que forçar a marcha para

nos reunirmos com os companheiros. As carretas já devem estar para chegar.

O pistoleiro sorveu uma dose cavalar de uísque, enxugou a boca na manga da camisa e Dannot, percebendo que Copley não manifestara entusiasmo, deu-lhe um tapinha no ombro e disse, eufórico:

— Você trabalhou bem, Cop. Eu desconhecia essa sua vocação para artista.

— Costumo cumprir minha palavra — resmungou Copley, também se levantando. — Mas confesso que me desagradou ter de enganar o Major Lancaster. Ele sempre foi um bom amigo.

— Ninguém é amigo de ninguém, Cop. Neste mundo, cada um tem de cuidar de si. Você não se arrependerá, porque, como lhe disse lá em Camprodón, ganhará mais, nesta operação, do que aturando fregueses estúpidos, atrás do balcão daquele armazém, durante dez anos de sua vida.

— Não deixa de ser um consolo — resmungou Copley, encaminhando-se para a saída.

Dannot, o pistoleiro que viera com a informação, e mais dois, que estavam esperando nas proximidades do *saloon*, montaram e partiram de Laredo.

Os cinco fustigaram as montarias, forçando-as a um galope desesperado. Quatro estavam entusiasmados, fazendo planos sobre como gastariam a fortuna logo embolsada com aquela operação

de contrabando de armas para os voluntários de Ventura Alvarez. Esquecidos de que, por ambição, forneciam os elementos decisivos para o estopim de um choque que poderia degenerar em guerra entre duas nações, com lamentável derramamento de sangue.

Somente um, Wayland Copley, sentia-se deprimido, imaginando quadros dantescos. Prestara-se a representar o papel repugnante de traidor da pátria, dando ao Major Lancaster uma informação errada sobre o local da travessia de armas para o México. Aceitara a missão espinhosa confiando em um fator bastante inseguro: a intervenção oportuna da filha para alertar Lancaster sobre o seu jogo ao lado dos contrabandistas, com o que estes poderiam ser derrotados.

Mas, e se algo imprevisto acontecesse a Yolanda? Aquela região estava infestada de homens do "general" Ventura Alvarez e algum deles poderia ver casualmente a jovem cavalgar com a montaria a galope, para a montante do Rio Grande, e sabendo-a filha do novo membro do bando de Dannot, capturá-la e torturá-la para lhe arrancar a verdade.

Sentiu arrepios, ao pensar que a filha poderia ser até violentada por um bandido de Alvarez. Se isso acontecesse, sua filha seria a vítima inocente de um plano que ele idealizara e Lancaster, por ele ludibriado, continuaria com o seu es-

quadrão para o norte, enquanto os contrabandistas passavam o armamento através do rio, fornecendo ao "general" mexicano os meios de provocar novo conflito armado de conseqüências imprevisíveis.

Tomou firme decisão: caso estivesse mandando a filha ao encontro da desonra e da morte, após encaminhar Lancaster para a vergonha militar, poria termo à vida, com um tiro no céu da boca.

Por um estranho fenômeno psicológico, Wayland Copley sentiu-se tomado de repentino entusiasmo, passando a ver com grande otimismo o desenrolar do seu plano. Sentiu-se absolutamente certo de que tudo sairia a contento.

* * *

Haviam transcorrido mais de duas horas desde que ela desmontara naquele outeiro coberto de pinheiros amarelos enormes, do qual descortinava todos os campos de cultivo semeados com milho e sorgo.

Uma visão com a qual se deliciaria em outras circunstâncias. Pela direita, estava o leito zigue-zagueante do Rio Grande, cujas águas refletiam, com lampejos, os raios do sol intenso. O caminho, pela frente, era extensa faixa branca que se perdia no horizonte. E à esquerda, ao longe, estavam as colinas azuladas pela distância.

Enalteceu mentalmente o tino de seu pai. De fato, Copley soubera escolher magistralmente o lugar do qual ela poderia avistar sem sombra de dúvida, ao longe, o esquadrão do Major Lancaster, caso ele acreditasse na história da mudança do ponto destinado ao contrabando de armas para as forças de Alvarez.

Contemplava a beleza da paisagem, quando avistou uma nuvem de pó que se erguia a milhas do outeiro, justamente na faixa branca do caminho que se perdia no horizonte na direção de Laredo.

Não lhe foi difícil concluir, pela insistência com que se mantinha a produção daquela nuvem, que ela resultava da movimentação de longa coluna montada. O esquadrão de Lancaster.

Porém, os cavalarianos ainda estavam muito longe para que ela começasse a descida do outeiro, de modo que resolveu esperar, aproveitando um pouco mais aquela visão maravilhosa. Sua colaboração com o pai, no armazém e em casa, não lhe permitia visitar com freqüência lugares como aquele. Além disso, ela herdara do ex-pistoleiro seu sangue-frio, sua coragem e sua presença de espírito.

Foi graças a essa valiosa herança paterna que ela, embora namorando a paisagem, não descuidou de possíveis detalhes úteis à sua missão e pode avistar um ginete cavalgando a aproxi-

madamente uma milha do esquadrão de Lancaster, pelo lado esquerdo. O desconhecido mantinha-se sempre a essa distância prudente e buscava a proteção dos maciços arbóreos de álamos para não ser notado pelos cavalarianos.

E de novo a sua herança paterna lhe foi valiosa, pois logo associou aquele desconhecido com o bando de Brad Dannot, concluindo que se devia tratar de um espião incumbido, pelo chefe dos pistoleiros, da missão de certificar-se de que Lancaster caíra realmente no conto da mudança de local para a travessia do Rio Grande.

Segundo planejara, desceria do outeiro assim que Lancaster passasse diante dele, para atualizá-lo sobre a trama urdida por Dannot, mas o aparecimento daquele novo personagem alterava basicamente o seu plano.

Lamentou não ter ouvido o conselho do doutor Hutton, que insistira para que ela portasse o revólver do pistoleiro Laine, por ela derrubado com uma garrafada, no armazém, minutos antes de partir. Mas novamente se revelou uma filha de pistoleiro, não se dando por vencida.

A falta de um revólver era fato consumado, de modo que teria de pensar em outro recurso, pois não estava disposta a consentir que um único homem, aquele cavaleiro solitário, deitasse a perder tudo que o seu pai havia idealizado.

Sorriu com ares vitoriosos. Se não dispunha

de um Colt, teria de empregar outra "arma" eficaz e essa arma acabara de surgir diante dos seus olhos: um pedaço de galho, grosso e cheio de nós, com aproximadamente setenta centímetros de comprimento.

Não hesitou. Empunhando o cajado, deu início ao novo plano, que idealizou de relance, descendo a encosta do outeiro para alcançar a estreita passagem entre álamos, do lado oposto àquele escolhido pelo major para o seu esquadrão.

O cavaleiro desconhecido teria, forçosamente, de usar aquela passagem estreita para continuar seguindo o esquadrão de Lancaster, o que favorecia o êxito do plano de Yolanda.

Ela ficou uma graça quando, livrando-se do vestido e das anáguas mexicanas que usava por baixo, ficou só de blusinha e umas calças rendadas parecidas com ceroulas masculinas. Tirou os sapatos, após ocultar o vestido com as anáguas atrás de uma pedra, e, agarrando-se ao tronco de um álamo, subiu por ele, levando o cajado, até chegar a um galho, que se projetava quase na horizontal sobre a estreita passagem. Encarapitou-se em uma forquilha do galho, com os pés apoiados nos ramos da forquilha, e aguardou.

Deu certo.

Pouco depois, surgia na extremidade da passa-

gem o pistoleiro, que agora mantinha o cavalo a trote para não ter uma perna acidentalmente espremida contra um tronco de álamo.

Yolanda respirou fundo, segurou com as duas mãos o cajado improvisado e, quando o cavaleiro passou exatamente sob a forquilha do galho, desferiu o golpe.

Foi uma pancada seca, violenta, com um estalido tétrico, que estourou o crânio do pistoleiro, derrubando-o da sela.

A jovem fechou os olhos, muito pálida. Era uma mulher decidida, que não hesitara em pôr em prática o seu audacioso plano, com risco da própria vida, mas a dura realidade de ter morto um homem a paulada despertou sua natural fraqueza feminina.

Foi preciso a lembrança de que deveria avisar o Major Lancaster, a tempo de lhe permitir atuar contra os criminosos, para que ela superasse a comoção e começasse a descer.

Minutos depois, Yolanda localizava sua montaria, saltava com agilidade para a sela e fazia o animal galopar furiosamente na passagem, sem pensar no risco de fraturar uma perna, que fizera o pistoleiro diminuir a marcha de seu cavalo e lhe valera morrer de uma paulada na cabeça.

Surgiu no descampado e continuou açulando a

montaria, com o olhar fixo na coluna de Lancaster, agora a quase duas milhas na dianteira.

Felizmente, um sargento cerra-fila do esquadrão olhou para trás, atento em sua função de vigiar a retaguarda da coluna, e viu a nuvenzinha de poeira se aproximando. Deu o sinal de alerta e o esquadrão logo dispersou por ordem de Lancaster, para adotar formação de combate. Afinal, podia tratar-se de algum pistoleiro a serviço dos contrabandistas, algum suicida fanático disposto a morrer matando pelo menos um soldado americano. Mas também podia ser um amigo fugindo de perseguidores e Lancaster poderia, adotando aquela formação, ajudar o homem que chegasse em busca de socorro.

Então, Yolanda empunhou o revólver que tivera o cuidado de tirar do coldre do pistoleiro e, voltando-o para o alto, fez três disparos consecutivos, um sinal comumente usado pelos cavalarianos para avisar sobre perigo.

O próprio Lancaster partiu com a montaria disparada ao encontro daquele desconhecido e ainda faltavam duzentos metros, quando ele arqueou as sobrancelhas, entre espantado e divertido. Não era para menos: uma mulher de cabelos negros ao vento, cavalgando como louca um corcel negro e em trajes menores.

Encontraram-se e Yolanda continuou esquecida de sua vestimenta, falando atropeladamente:

— Major Lancaster, eu sou Yolanda Copley, filha de Wayland Copley. Acabo de abater com uma paulada um pistoleiro dos contrabandistas, que vinha seguindo de longe o seu esquadrão. Além disso...

— Um momento, filha — cortou o major. — Capitão Turdinger, desate minha capa de trás da sela e ajude a senhorita a vesti-la.

Yolanda ficou encarnada de vergonha. Só então se lembrou de que usava apenas a blusinha e as calças rendadas, tipo ceroula. Vestiu depressa a grossa capa do major, ajudada por Turdinger, a quem Lancaster ordenou:

— Vá com alguns homens à passagem que fica do lado oposto daquele outeiro e recolha um indivíduo que deve estar caído no chão. Talvez não tenha morrido e possamos interrogá-lo. Que pretendia dizer, filha? — encarou de novo a jovem.

— Inútil mandar o capitão buscar aquele homem, Major. Teve o crânio estourado.

— Turdinger! Última forma — gritou Lancaster, a tempo de evitar que o capitão partisse. — Que mais, filha?

Então, Yolanda relatou-lhe rapidamente todo o plano idealizado por seu pai, indicando-lhe com exatidão o novo local escolhido pelos contrabandistas para atravessarem as carretas com o armamento.

— Meus parabéns, filha — disse Lancaster, batendo paternalmente no braço de Yolanda. — Você é digna do seu pai. Ambos acabam de prestar inestimável serviço à pátria. Turdinger!

— Pronto, senhor.

— Ordene meia-volta. Partiremos a todo galope para o sul. Espere!

Turdinger parou o ato de voltear a montaria e aguardou. Lancaster, excelente estrategista, idealizou em segundos um plano de ataque e ordenou, pondo de lado a questão de limites territoriais fixados entre seu país e o México:

— Você comandará a metade do esquadrão, pela margem americana do Rio Grande, e eu comandarei a outra metade, pela margem mexicana.

— Mas, senhor, isso seria uma violação de...

— Imagina que não levo isso em conta, Turdinger?

O capitão encolheu os ombros.

— Às suas ordens, senhor.

— Muito bem, Turdinger, mãos à obra. Senhorita Copley, mandarei dois soldados escoltá-la até Camprodón. Ficarão em sua casa para...

— Absolutamente — cortou a jovem, muito empinada na sela. — Faço questão de acompanhá-lo nessa operação.

— Filha, tudo indica que haverá um combate encarniçado e...

— Tenho o direito de testemunhar os resultados de nossa colaboração com o Exército da União — cortou de novo Yolanda, inflexível. — Além disso, não ficarei tranqüila enquanto não me certificar de que o meu pai poderá sair são e salvo dessa batalha.

Lancaster riu.

— Igualzinho ao maluco do "Frio" Cop.

Yolanda arregalou os olhos.

— O senhor... o senhor já sabia?

Nova risada do major.

— Menina, um oficial comandante, que chefia destacamento em região amaldiçoada como esta, tem de aprender a fazer vista grossa. Nem só por homens direitos é feita a colonização do nosso país. A maioria dos sujeitos importantes do Oeste foram indesejáveis.

— Major, o senhor é um homem maravilhoso — disse Yolanda, inclinando-se na sela para surpreender o oficial com um beijo estalado na bochecha.

Lancaster ficou emocionado, mas não disse nada, disfarçando a emoção com uma ordem aos berros:

— Que esperam, seus covardes?!

Turdinger deu ordem de partir ao seu grupo e Lancaster, com ligeiro sorriso para Yolanda, também pôs seus homens em marcha, dirigindo-os às águas do rio no lugar mais próximo

em que era possível vadeá-lo. Yolanda cavalgou ao lado do sargento cerra-fila que a avistara se aproximando e logo fizeram grande camaradagem.

O sol já estava perto da linha do horizonte, quando a tropa do major alcançou um bosque e ele ergueu o braço, ordenando alto.

Em seguida, mandou que seus homens desmontassem e saltou da sela. Os soldados formaram um círculo ao seu redor e ele consultou o relógio de bolso, declarando a praças e oficiais:

— Felizmente ainda falta mais de meia hora para os contrabandistas chegarem com as carretas carregadas de armamento. Ocultaremos nossas montarias nesse bosque e cobriremos a pé a meia milha restante, acobertados pelas árvores. Fiquem de olhos abertos. O ataque começará quando eles estiverem no meio do rio com as carretas. O Capitão Turdinger nos avisará com um fogo de bengala sinaleira para sintonizarmos nosso ataque com o dele. Agora, um detalhe importante: por coisa nenhuma atirem contra a terceira carreta, porque um dos seus ocupantes é o pai desta jovem valorosa, um cidadão valioso que possibilitou esta nossa intervenção oportuna contra os inimigos da pátria. O capitão já está informado sobre este detalhe. É só.

* * *

Tensos, ansiosos para entrar em ação, os homens do Major Lancaster, alguns encarapitados nos pinheiros e álamos e outros entrincheirados atrás de troncos caídos, de beira-rio, avistaram seis carretas cobertas com toldos e escoltadas por compacto grupo de cavaleiros bem armados.

Acionaram os ferrolhos dos fuzis e aguardaram a ordem de ataque, do Major Lancaster, a qual dependia do fogo sinaleiro de Turdinger.

Pouco depois, as carretas começaram a entrar no rio, muito raso naquele trecho, e os cavaleiros saltarem das selas para empurrar as rodas dos pesados veículos, ajudando, assim, o esforço dos animais de tração.

Os soldados ouviam claramente os impropérios dos homens contra os animais, bem como os estalidos dos chicotes, que os cocheiros usavam impiedosamente nas bestas de tiro.

E todos suspiraram, satisfeitos, ao avistarem a luz cadente da bengala sinaleira disparada pelo Capitão Turdinger avisando ao major que o seu grupo também estava em posição de ataque, devendo iniciá-lo em seguida.

Imediatamente, o major soltou uma bengala com luz amarela para informar ao capitão que podia dar início à refrega.

O inferno desabou sobre aquele trecho do Rio Grande.

Tanto os homens de Lancaster como os de Turdinger começaram a disparar furiosamente seus fuzis.

Gritois de dor, blasfêmias, relinchos de cavalos marcaram o ataque de surpresa, contribuindo para aumentar o ensurdecedor ruído conjunto do tiroteio.

Durante mais de uma hora, continuou a fuzilaria, agora aumentada porque os contrabandistas, embora reduzidos de cinqüenta para trinta e poucos, eram excelentes atiradores e, a despeito de se haverem com o problema de não deixar que as carretas tombassem nas águas, empregavam endiabradamente seus revólveres e rifles de repetição por alavanca, causando baixas significativas entre os soldados.

As águas do Rio Grande ficaram manchadas do sangue de homens e animais.

Uma carreta tombou e os cavalos que a puxavam, ficando presos aos varais, tiveram as pernas quebradas ou se afogaram, impossibilitados de levantar a cabeça.

Mais dois veículos se perderam quando as balas, atingindo barris de pólvora da munição, provocaram feias explosões, com a morte de seus ocupantes e dos animais de tiro. Formou-se o pânico entre os bandidos, que se xingavam aos berros, dando ordens contraditórias, enquanto os ata-

cantes continuavam obtendo vantagem definitiva no combate.

Somente um homem mantinha os nervos calmos: Wayland Copley. O ex-pistoleiro constatou, pela intervenção de Lancaster, que a filha levara a termo sua incumbência, com o que estava em segurança junto ao valoroso major da Cavalaria. Agora não se importava de morrer baleado por seus ex-companheiros de canalhices.

Mas por que se deixar matar, quando podia completar sua contribuição aprisionando Brad Dannot e Ralph Storny? Tentaria impedir por todos os meios que essa dupla indesejável, aproveitasse da confusão reinante, encontrasse um meio de escapulir e continuar, mais tarde, providenciando armas para o inconsciente "general" Ventura Alvarez.

Porém, Dannot e Storny estavam em seus cavalos, dirigindo os remanescentes do bando, agora reduzidos a pouco mais de vinte homens. Como atraí-los para dominá-los?

Sorriu. O melhor meio, concluiu, seria deixar aquela dupla verificar que ele atuara como espião de Lancaster. E o processo logo lhe ocorreu. Passando entre as pilhas de armas, na carroçaria, para a boléia da carreta, esperou que Dannot e Storny olhassem e deu um murro violentíssimo no cocheiro, um mexicano bigodudo, que saiu projetado da boléia e foi cair nas águas do rio.

Imediatamente, os dois pistoleiros dirigiram as montarias para a carreta e Dannot berrou, furioso:

— Maldito traidor! Então, foi você quem avisou Lancaster!

Ambos sacaram os revólveres dos coldres esquerdos, por terem os Colts direitos com a munições esgotadas, e pretenderam liqüidar Copley a tiros. "Frio" Cop deu espantosa mostra do que era capaz com as armas. Sacando os Colts como se eles saltassem dos coldres para as suas mãos, apertou os gatilhos sem fazer pontaria mas com tal precisão que as armas dos pistoleiros lhes saltaram das mãos, deixando-os entre perplexos e assustados.

— Conservem as mãos bem visíveis, ou serei forçado a despachar os dois para o inferno! — urrou "Frio" Cop, sendo prontamente obedecido.

— Depressa, desloquem-se para o outro lado da carreta, mas nada de truques. Quero vocês vivos.

Dannot e Storny, desconcertados, obedeceram, ficando a salvo das balas dos soldados.

— Muito bem, rapazes, agora subam à carroçaria e fiquem encolhidos entre as caixas de armas, muito quietinhos, porque estou me sentindo como nos velhos tempos.

A dupla conhecia de sobra a fúria sangüinária

de "Frio" Cop e novamente obedeceu, ajeitando-se entre as caixas de armas.

Lancaster, que acompanhava a luta por um binóculo de campanha, viu a excelente intervenção de Copley e, dispondo as mãos em concha, berrou:

— Entreguem-se e serão tratados com justiça. Não adianta continuar porque seus chefes já foram capturados. Atenção, valentes sob meu comando, cessar fogo!

O tiroteio cessou e os onze pistoleiros restantes ergueram os braços em sinal de rendição.

Num instante, os soldados de ambas as margens rodearam os pistoleiros e, cumprindo outra ordem de Lancaster, reuniram forças para tombar as carretas restantes, menos a terceira, derrubando todo o armamento no rio.

— Pronto — disse o major, satisfeito. — Operação concluída com êxito. Turdinger!

Um sujeito alto e forte atravessou o rio quase a nado e plantou-se diante dele, encharcado.

— Sim, senhor.

— Turdinger, você está ridículo. Parece um pinto molhado.

O capitão franziu a testa, melindrado, mas não disse nada.

— Fica responsável pelos dois chefes de contrabandistas que Wayland Copley meteu naquela carreta. Assim que estejam devidamente manie-

tados, ordene aos rapazes que despejem seu conteúdo no rio.

— Sim, senhor.

Meia hora depois, com todos os soldados sobreviventes reunidos na margem americana do Rio Grande, Lancaster recitou depressa uma oração, enquanto os mortos eram depositados em sepulturas cavadas na areia mole de beira-rio. Assim que os túmulos foram cobertos com areia, ele voltou-se para Copley e lhe estendeu a mão, dizendo, com amplo sorriso:

— Você é o bandido mais honesto e patriota que conheci. Não admira que tenha posto no mundo uma criaturinha maravilhosa como esta — acariciou os cabelos negros de Yolanda. — Vou propor ao Alto Comando que lhe conceda uma patente militar honorária. Que tal capitão da Cavalaria?

— Major seria uma injustiça para com...

— Coronel — cortou o major, sorridente.

— Major, eu estou querendo dizer que não aceito. Seria injusto com os oficiais que sempre se esforçam para servir à pátria. Para ser franco, não me considero digno de receber o honroso título de sargento da Cavalaria.

— Puxa! — exclamou Lancaster, batendo na testa. — Brown! Temos de correr até Camprodón para saber se ele continua resistindo aos ferimentos.

Espantou-se de ver como Yolanda saltava para a sela do primeiro cavalo que encontrou e, muito nervosa, gritava:

— Não percam tempo com conversa fiada! Kid pode estar morrendo!

* * *

Oswald Hutton estava sentado em um tamborete, no armazém, atendendo à freguesia como se fosse ele o proprietário do estabelecimento. Não se alterou, quando o destacamento parou diante da loja. Yolanda entrou correndo e ele se limitou a dizer, sem olhar para ela:

— Aquele rapaz é de ferro. Agora posso afirmar que dentro de um mês estará novamente circulando com a tropa de Lancaster.

Yolanda meteu-se pelo corredor e Lancaster, entrando com Copley, disse:

— Doutor, tenho aí fora dezesseis feridos que necessitam de sua assistência. Alguns estão em estado que inspira preocupação.

— Maldita profissão! — resmungou o médico, vestindo o paletó. — Wayland, se você entendesse um pouquinho de Medicina, eu lhe propoeria uma troca. Adorei ficar essas horas atrás do balcão.

Foi ver os soldados feridos e Copley, feliz da vida, convidou o Major Lancaster, o Capitão

Turdinger, três tenentes e os soldados para confarternizarem e comemorar a vitória, liqüidando o seu estoque de uísque.

Enquanto a bebida rolava à vontade, Lancaster passou o braço pelos ombros de Wayland Copley e disse:

— Yolanda demonstrou espírito de iniciativa e coragem invulgar nas mulheres.

Wayland Copley ergueu um copo com uísque e declarou, de bom humor:

— Um brinde à filha do armazeneiro de Camprodón!

Seguiu-se uma gritaria e, quando esta amainou, Lancaster disse baixinho, para não ser ouvido por seus comandados:

— Filha de pistoleiro, "Frio" Cop.

Copley arregalou os olhos e quase se engasgou com a bebida. Dando-lhe um tapa amistoso nas costas, o major acrescentou:

— Ninguém precisa saber. Vou guardar segredo, mas em troca você terá de me ensinar alguns truques com o revólver. Você saca como mil diabos, Cop.

Copley sorriu.

— Obrigado, Major. Fique certo de que arranjarei um tempinho para ir à sua casa e lhe dar umas explicações sobre o uso das armas.

Yolanda voltou ao armazém para informar que Kid Brown estava bem melhor e Lancaster foi

cumprimentá-lo, dando-lhe a boa notícia de que recomendaria a sua promoção. Depois, o comandante dos cavalarianos reuniu seus homens na Main Street, esperou que montassem com dificuldade por causa da bebedeira e partiu com o seu punhado de heróis.

Wayland Copley testemunhou a partida de pé à porta do armazém, abraçado a Yolanda. Olhou para ela e pensou, com grande alegria: *Filha de pistoleiro*.

Era um desabafo. Agora não precisava envergonhar-se de seu passado.

FIM

A seguir: Uma herança muito grande atrai muitas feras à partilha. DEPOIS DA MORTE. Não perca!

UMA LIVRARIA PELO CORREIO

Você pode pedir estes livros pelo Reembolso Postal. É muito simples. Não envie dinheiro agora. Só pague quando for retirar sua encomenda na Agência do Correio de sua Cidade.

Ponha seu nome e endereço bem legíveis.

MÍSTICA E RELIGIÃO
MAÇONARIA, UMBANDA, QUIMBANDA, ROSACRUZ, CRISTIANISMO E OCULTISMO

A MAÇONARIA E A INCONFIDÊNCIA MINEIRA	Cr$	85,00
A MAÇONARIA E A REVOLUÇÃO PERNAMBUCANA	Cr$	85,00
AS VIGAS MESTRAS DA MAÇONARIA.....	Cr$	140,00
NOS BASTIDORES DA MAÇONARIA — Memórias de um ex-secretário.....	Cr$	110,00
A IGREJA CATÓLICA E A MAÇONARIA.....	Cr$	100,00
A MAÇONARIA E A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL	Cr$	100,00
A MAÇONARIA E A LIBERTAÇÃO DOS ESCRAVOS	Cr$	100,00
A MAÇONARIA E O CRISTIANISMO.....	Cr$	270,00
A MAÇONARIA NA HISTÓRIA DO BRASIL...	Cr$	90,00
A MAÇONARIA E A GRANDEZA DO BRASIL.	Cr$	200,00
DO APRENDIZ AO MESTRE MAÇON.....	Cr$	70,00
INTRODUÇÃO À MAÇONARIA — História e Filosofia Universal — Em três volumes..	Cr$	250,00
MANUAL DO MESTRE MAÇOM.....	Cr$	120,00
O DELTA LUMINOSO — O triângulo resume todo o simbolismo maçônico.....	Cr$	120,00
O QUE É A MAÇONARIA?	Cr$	120,00
PEQUENAS BIOGRAFIAS DE GRANDES MAÇONS BRASILEIROS	Cr$	170,00
SIMBOLISMO DOS NÚMEROS NA MAÇONARIA	Cr$	140,00
JOSÉ BONIFÁCIO — O falso patriarca — A verdade histórica da Maçonaria.....	Cr$	80,00
A ORIGEM DA UMBANDA	Cr$	80,00
ANTIGAS ORAÇÕES DA UMBANDA	Cr$	75,00
ANTIGO BREVIÁRIO DE REZAS E MANDINGAS	Cr$	75,00

ANTIGO E VERDADEIRO LIVRO DA CRUZ DE CARAVACA — Capa de aço..... Cr$ 100,00
ANTIGO E VERDADEIRO LIVRO DE SÃO CIPRIANO — Capa de aço..... Cr$ 190,00
ANTIGO MANUAL DO CARTOMANTE ..... Cr$ 80,00
BANHO, DEFUMAÇÕES E AMACIS DA UMBANDA ..... Cr$ 80,00
COMO CORTAR O OLHO GRANDE..... Cr$ 80,00
COMO FAZER E DESMANCHAR TRABALHO DE QUIMBANDA ..... Cr$ 85,00
DICIONÁRIO AFRICANO DE UMBANDA..... Cr$ 110,00
DOUTRINA E RITUAL DE UMBANDA..... Cr$ 75,00
EXU, O GÊNIO DO BEM E DO MAL..... Cr$ 80,00
FEITIÇOS DE PRETO VELHO..... Cr$ 95,00
HORÓSCOPO DE UMBANDA ..... Cr$ 75,00
MAGIA AFRICANA ..... Cr$ 75,00
MAGIA PRÁTICA SEXUAL ..... Cr$ 70,00
MANUAL DE OFERENDAS E DESPACHOS NA UMBANDA E NA QUIMBANDA..... Cr$ 75,00
ANTIGO LIVRO DO FEITICEIRO..... Cr$ 90,00
O ESPIRITISMO NOS CONCEITOS DAS RELIGIÕES — Leis da Umbanda ..... Cr$ 80,00
O JOGO DOS BÚZIOS — Cerimônias ocultas da Umbanda ..... Cr$ 95,00
O LIVRO NEGRO DE SÃO CIPRIANO — Verdadeiro Capa Preta..... Cr$ 150,00
O RITUAL AFRICANO E SEUS MISTÉRIOS... Cr$ 80,00
O SECULAR LIVRO DA BRUXA..... Cr$ 120,00
OGUM E ORIXÁ GUERREIRO ..... Cr$ 75,00
POMBA GIRA MIRONGUEIRA ..... Cr$ 80,00
PONTOS CANTADOS E RISCADOS DOS PRETOS VELHOS ..... Cr$ 75,00
RITUAL PRÁTICO DO CANDOMBLÉ E SEUS MISTÉRIOS ..... Cr$ 75,00
OS ÚLTIMOS DIAS DO APOCALIPSE — Ciências ocultas da Profecia ..... Cr$ 65,00
PRÁTICA DO CANDOMBLÉ NO BRASIL..... Cr$ 60,00
VIDA MÍSTICA DE JESUS — Surpreendente relato dos períodos conhecidos e desconhecidos da vida do grande Mestre..... Cr$ 110,00
NOVA ENCICLOPÉDIA CATÓLICA — Uma obra rara, em 12 volumes ricamente ilustrados com fotos coloridas e toda a História da Igreja ..... Cr$ 520,00
I CHING — O livro das mutações. O simbolismo da Mistificação ..... Cr$ 55,00
ROSACRUZ — Pela primeira vez são reveladas ao mundo as doutrinas místicas daquela

ordem secreta do grande Mestre — Volume 1 — A VIDA MÍSTICA DE JESUS..... Cr$ 100,00
— Volume 2 — ENCONTRO COM O INSÓLITO Cr$ 100,00
— Volume 3 — O SANTUÁRIO DO EU..... Cr$ 100,00
— Volume 4 — AS MANSÕES SECRETAS DE ROSACRUZ ..... Cr$ 100,00
— Volume 5 — A PROFECIA SIMBÓLICA DA GRANDE PIRÂMIDE ..... Cr$ 100,00
— Volume 6 — FRAGMENTOS DA SABEDORIA ROSACRUZ ..... Cr$ 100,00
DEUS EXISTE: EU O ENCONTREI — Tradução Carlos Lacerda ..... Cr$ 65,00
I CHING — O MISTÉRIO DAS TRANSMUTAÇÕES — Resolva os problemas de sua vida — Método infalível ..... Cr$ 70,00
JOSÉ DE ANCHIETA, O ESCOTEIRO DO BRASIL — Vida e obra do mártir Jesuíta Padre José de Anchieta..... Cr$ 50,00

TERROR

A NOITE DO CARRASCO — Um drama horripilante de terror ..... Cr$ 70,00
A PRAGA DE SATÃ — Terror que apavora o próprio autor ..... Cr$ 70,00
A MALDIÇÃO — Uma superprodução da Colúmbia Pictures ..... Cr$ 80,00
FRANKENSTEIN — O filme que apavorou o mundo ..... Cr$ 80,00
LADY SATÃ — Ocultismo e Terror — pelo autor de O VAMPIRO ..... Cr$ 70,00
MINHAS 13 HISTÓRIAS FAVORITAS DE SUSPENSE — Antologia ..... Cr$ 110,00
O FEITICEIRO — O terror dirigido pelos espíritos ..... Cr$ 65,00
O INCONSCIENTE — A Magia e o Diabo no século XX ..... Cr$ 70,00
O MÉDICO E O MONSTRO — Obra-prima da ficção de terror ..... Cr$ 65,00
O VALE DAS TORMENTAS — Antologia..... Cr$ 75,00
O RECIFE DOS CONDENADOS — As galerias do terror ..... Cr$ 70,00
O VAMPIRO — Histórias de terror que até hoje nos assustam ..... Cr$ 80,00
PSICOSE — A história mais apavorante do cinema americano ..... Cr$ 65,00
13 HISTÓRIAS QUE ATÉ A MIM ASSUSTARAM — Antologia ..... Cr$ 90,00

AS POSSUÍDAS — Um drama pavoroso de terror e suspense	**Cr$**	**60,00**
AS COLINAS VAZIAS — Magia, terror e feitiço	**Cr$**	**100,00**
FOGUEIRA À MEIA-NOITE — Magia e terror para espíritos fortes	**Cr$**	**70,00**
A GRUTA DE CRISTAL — Para leitores de espírito forte	**Cr$**	**100,00**
OS CÃES — Estranha raça de cães que estraçalham as vítimas	**Cr$**	**80,00**
OS 39 DEGRAUS — Terror e suspense que ninguém esquecerá	**Cr$**	**60,00**
KING KONG — O romance que se tornou sucesso de cinema	**Cr$**	**65,00**
A PRAGA DE HEFESTO — Os besouros negros que produziam fogo	**Cr$**	**70,00**
A PROFECIA — Uma superprodução do cinema de terror	**Cr$**	**70,00**
O SATANISTA — Mistério, traição, vingança e terror	**Cr$**	**110,00**
13 HISTÓRIAS DE ARREPIAR — Antologia...	**Cr$**	**80,00**
13 HISTÓRIAS DE GELAR O SANGUE — Antologia	**Cr$**	**70,00**
13 HISTÓRIAS HORRIPILANTES — Antologia	**Cr$**	**80,00**
13 HISTÓRIAS DE VIDA OU MORTE — Antologia	**Cr$**	**80,00**
DRÁCULA — O clássico mais pavoroso do terror	**Cr$**	**120,00**
A JORNADA DO PAVOR — Enciclopédia do pavor	**Cr$**	**80,00**
ANTOLOGIA MACABRA — Desaconselhável para pessoas nervosas	**Cr$**	**80,00**
O EXORCISTA — O controverso êxito do cinema mundial	**Cr$**	**90,00**

PREÇOS PARA 1979, SUJEITOS A ALTERAÇÃO

* * *

Faça hoje mesmo o seu pedido para:

EDITORA MONTERREY LIMITADA.
Rua Visconde de Figueiredo, 81
Caixa Postal nº 24.119 — ZC-09
20.000 — TIJUCA — Rio de Janeiro, RJ.

GISELLE

A ESPIA NUA QUE ABALOU PARIS

MEMÓRIAS SECRETAS, SEM CORTES, COM AS ILUSTRAÇÕES ORIGINAIS

FORMATO GRANDE!

nas bancas